

ILUSTRAÇÃO



5.º ANO
NÚMERO 105

Lisboa, 1 de Maio de 1930

PREÇO

4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dor e restabelecendo o bem-estar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

RADIO TELEFUNKEN

Não adquirir aparelhos
para T. S. F. sem ouvir
os receptores Telefunken
de grande selectividade
e potencia



Aparelhos Telefunken
Alta-Vozes Telefunken
Lampadas Telefunken

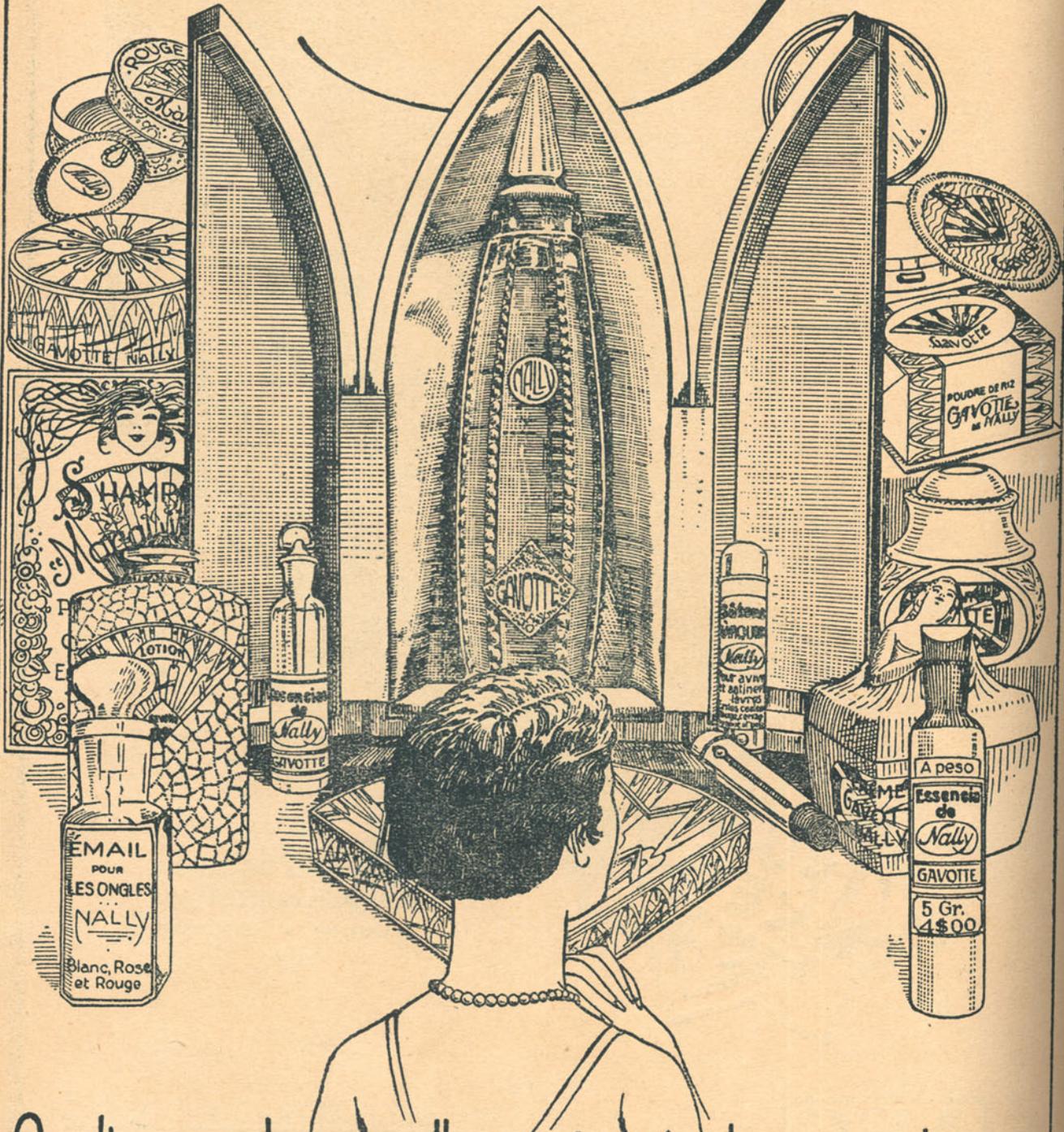
AEG

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215

Nally



O altar onde a mulher réza todos os dias...

Grande novidade literária:

**O H O M E M
QUE MATOU
O D I A B O**

**A última obra do mestre
==== romancista ====**

AQUILINO RIBEIRO

Acaba de ser posta à venda

1 volume de 360 páginas, brochado. . . 12\$00

Encadernado 16\$00

PEDIDOS ÀS

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

A mais completa que se publica em lingua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

Ultimo volume publicado:

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira, e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista

Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito se avanta, na soma dos conhecimentos e na clareza da sua exposição, a todos os congéneres até agora aparecidos

670 páginas e perto de 715 gravuras

PREÇO 30\$00

Dirigir pedidos às Livrarias AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Aos Estudantes dos Liceus e aos Professores

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são:

- | | |
|--|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denis |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Mariana |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da colecção: 2\$500

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.ºs 10 e 11 e nas outras livrarias.

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

A Bruxa e os Malmequeres

DE

JOÃO SILVA

Este 27.º volume da «Biblioteca dos Pequenos» contém três formosíssimos contos, que certamente, constituirão o encantamento de todas as nossas crianças.

Lindas ilustrações de Alfredo de Morais

PREÇO: 5\$00

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.ºs 10 e 11 e em todas as livrarias.

FLIT



Mata todos os insectos
mais depressa.

FLIT



Defendei-vos das
imitações

FLIT



A lata amarela com
faixa preta.



Creanças sadias,
fortes,
alegres

CARLOS DE SA
PEREIRA, L.^{da}
Rua Arco Ban-
deira, 115 -
LISBOA

Não é a comida que torna
as creanças sadias e robustas.
É o que ellas digérem. É
por isso que ha mais de meio
século se reconhece a Mai-
zena Duryea como o ali-
mento insuperavel para as
creancinhas.

Temos um exemplar para
V. S. do excellente livro de
Receitas de Cozinha da
Maizena Duryea. Se o quizer,
tenha a bondade de mandar-
nos o seu nome e endereço.
Peça-o Senhora.



GRATIS

MAIZENA DURYEA



HARTMANN—

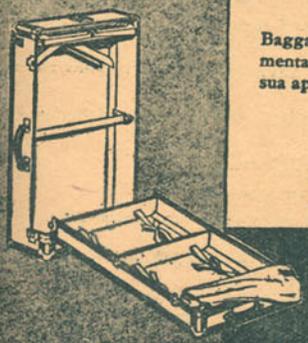
a Preferida do Viajante Experimentado

CINCOENTA e dois annos de manufactura de malas garantem as malas HARTMANN. Ellas são construidas para resistir as avarias do uso e para manter a sua belléza e elegancia exterior.

ESTA é a razão pela qual vemos hoje tantas malas HARTMANN nos "galgos do oceano" e nos melhores combóios dos Estados Unidos do Norte, Europa e outras partes do mundo.

Bagagem HARTMANN, a preferida dos viajantes experimentados, que são tão meticolosos na sua bagagem como na sua apparencia pessoal.

Unicos vendedores ao publico
CASA PALMARES
Rua do Ouro, 139-2.—Lisboa
Agente Geral para Espanha, Portugal e Marrocos:
Manuel Rocafort Ferro, Montera 15-17, Madrid.



MALAS e BAGAGEM de MÃO
HARTMANN
RACINE, WIS., U.S.A.

Leiam o

Magazine Bertrand

Saíu
o numero
de MAIO



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS
dá á pele uma beleza e uma
frescura incomparáveis.

De finíssima qualidade, quasi imperceptível, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A' venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda 119, RUA DA MADALENA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA — RUA DAS FLORES, 102, 1.º



Doces e Cozinhados

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas
ESC. 25\$00

Livrarias AILLAUD & BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

DIRECTORA: D. Emilia de Sousa Costa

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

HELENA DE ARAGÃO

N.º 15

QUEM NÃO QUERE SER LOBO...

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

EDIÇÃO DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
SUCESSORA DA EMPRESA DIARIO DE NOTÍCIAS—

Quereis a felicidade de vossos filhos pequeninos?

Dai-lhes a ler este encantador livrinho, escrito em linguagem simples e sugestiva e com magnificas ilustrações de D. Mamia Roque Gameiro.

PREÇO: 5\$00

A venda na Filial do Diario de Notícias, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11, e em todas as livrarias.

Todos devem ler

“A CARTILHA COLONIAL”

de Pedro Muralha

Cujos capítulos são os seguintes:

- I — As nossas descobertas marítimas.
- II — As nossas conquistas.
- III — A nossa extensão territorial, população e divisão por zonas.
- IV — Cidades, rios navegáveis, portos, caminhos de ferro e climas.
- V — As possibilidades económicas das Colónias Ultramarinas.
- VI — As missões religiosas.
- VII — As correntes emigratórias.
- VIII — A colonização portuguesa em países estrangeiros.

Elegante cartonagem com mapas das nossas colónias e profusamente ilustrada.

PREÇO 5\$00

Pedidos à sucursal do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho.

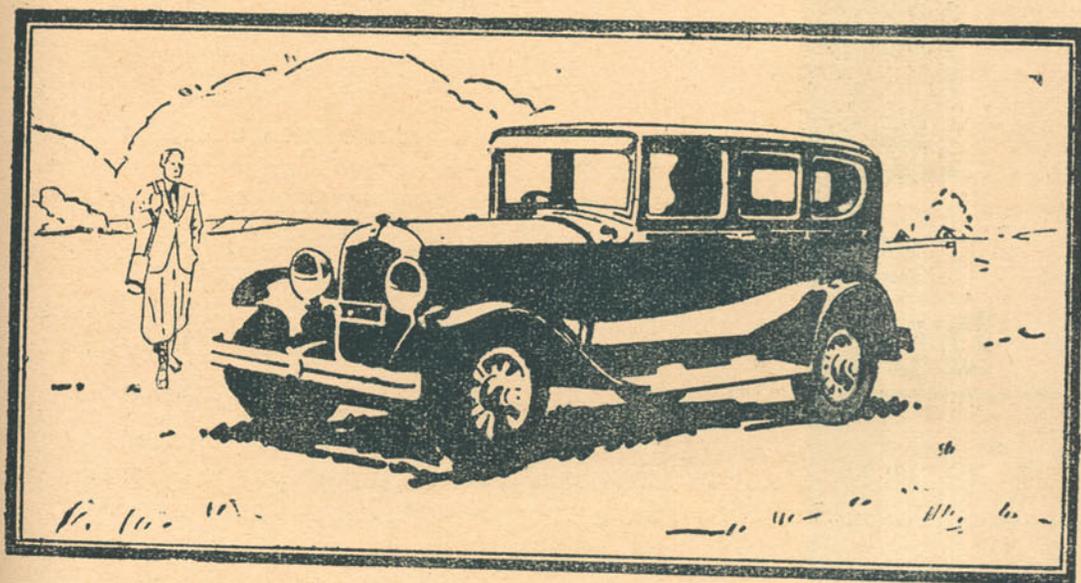
REO

POTENCIA SUAVE

V. Exa. ficará gratamente impressionado com a potencia suave e silenciosa do automovel REO "Flying Cloud"

Esta potencia permitir-lhe-ha subir as peores rampas a grande velocidade e passar facilmente por caminhos com ou arela ou lama, aumentando assim o prazer de conduzir um carro

Qualquer que seja o caminho, e mesmo onde não haja caminhos, a potencia do "Flying Cloud" satisfaz de sobra as necessidades da marcha.

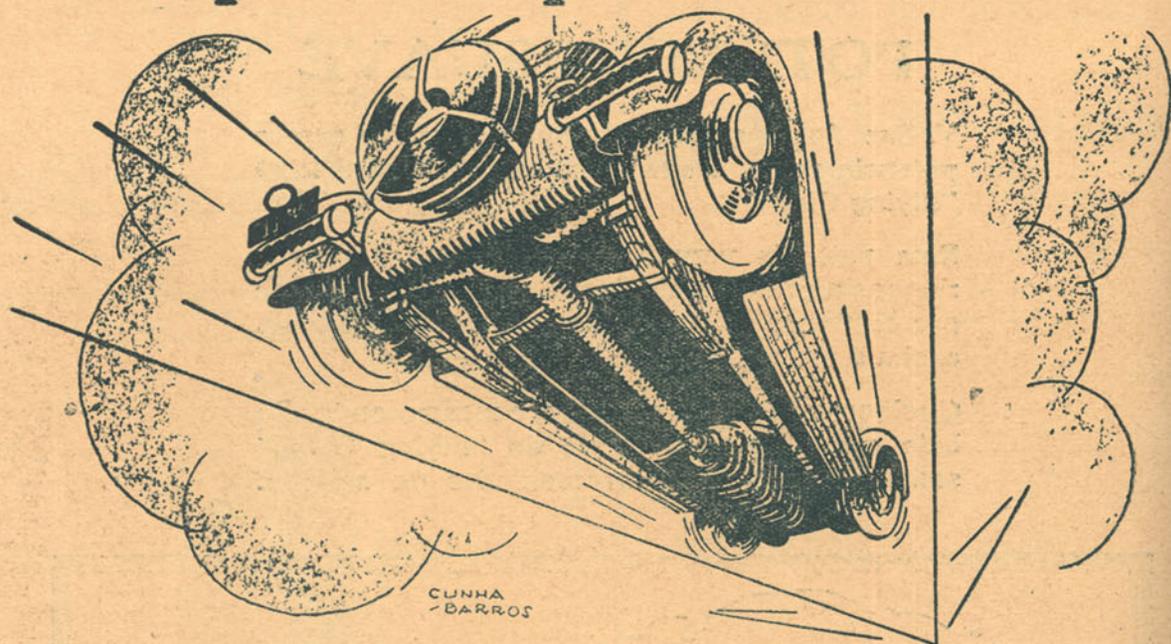


**REO não es trichado de Ramson E. Oide, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma.*

AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO, Lda.
 Avenida da Liberdade, 165-171
 LISBOA : - : Tel. N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA
 194, Rua Augusto Rosa -- PORTO

Todas as peças de um motor se opõem a que ele trabalhe.



Não há uma só peça de um motor que não oponha resistencia ao movimento produzido pela dilatação dos gases, dentro dos cilindros. O contacto delas provoca, quando em movimento, a fricção, e por isto se vê como é importante o problema da lubrificação, quando se tem em vista o aproveitamento máximo da potencia de um motor.

Nos motores modernos de cilindrada reduzida, alto regimen, grande compressão e elevada temperatura de funcionamento, a lubrificação racional é além disso um factor primordial para a sua conservação.

Por isso o Gargoyle Mobiloil, fabricado pela maior Companhia de óleos lubrificantes de todo o mundo, está sempre a par do desenvolvimento automobilistico, de fôrma a prover toda e qualquer necessidade de lubrificação.

É esta a razão pela qual entre 10 carros que há para lubrificar, nos carters de 7 deles só entra Mobiloil.

92 % dos fabricantes de carros americanos aprovam o empregó de GARGOYLE MOBIL-OIL.

629



Mobiloil

O óleo mundialmente preferido pela sua qualidade

REFINARIAS: OLEAN (N. Y.) - ROCHESTER (N. Y.) - PAULSBORO (N. J.) - BAYONNE (N. J.)

VACUUM OIL COMPANY

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procição)
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 105

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA

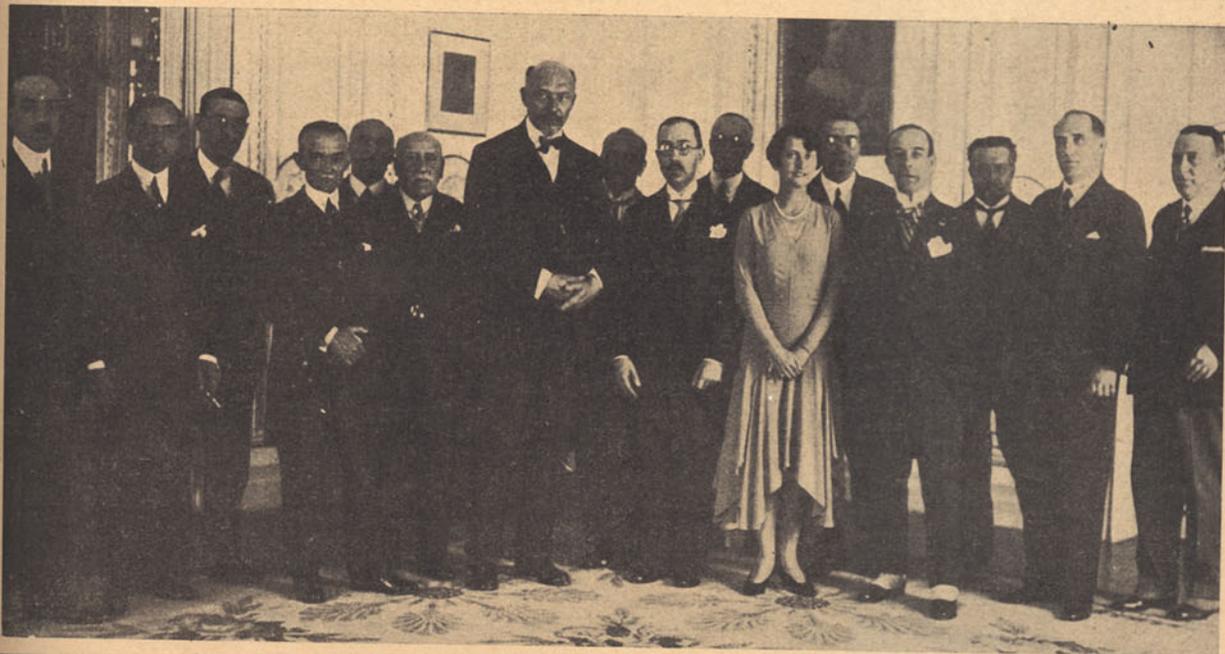
DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD. *

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

1 DE MAIO DE 1930



VISITANTES ILUSTRES. — EM CIMA: O eminente conferencista Conde Hermano de Keyserling, que veio a Portugal efectuar várias conferências de carácter cultural, durante o chá que lhe foi oferecido pelos ilustres Embaixadores da Alemanha em Portugal, e a que assistiram alguns ministros e os vultos mais em evidência no nosso meio intelectual. A desmedida estatura do nosso ilustre hospede domina curiosamente os demais convidados. — EM BAIXO: Chegada a Lisboa de S. A. a Infanta D. Eulália de Espanha, que veio, em viagem particular, visitar o nosso país. S. A. na estação do Rossio com os srs. Embaixadores de Espanha, representante do Presidente da República, sr.ª Condesa de Gonçalves Pereira, Bispo de Trajanópolis, etc.

(Fotos «Ilustrações»)



As conferências do sr. conde de Keyserling constituíram o sucesso da quinzena, tão estrondoso sucesso que seria indesculpável não o registar nesta página da *Ilustração*.

A *Academia* recebeu o sr. conde em sessão solene; a Sociedade de Geografia abriu-lhe de par em par as suas portas, o que lhe tornou possível fazer-se ouvir, em três conferências quasi seguidas, por um auditório excepcionalmente numeroso e com toda a certeza selecto.

A vinda do sr. conde a Lisboa fôra insistente e clamorosamente annunciada como a de um ás da philosophia, o maior de todos os filósofos da actualidade, citando-se um ou outro, dos velhos tempos, a êle semelhante mas não igual, porque o sr. conde, além de tudo mais, é duma originalidade desconcertante.

Pairava nos espíritos esta dúvida tremenda — se o sr. conde seria, na realidade, um filósofo, ou se seria um sábio, se seria um metafísico, ou se seria apenas o Verbo... falar, pairando por sobre as sociedades, como outrora por sobre as águas pairou o Verbo divino.

Ê alemão, diziam uns, e citavam a sua corpulência agigantada, medindo quasi dois metros da sola dos pés à raiz dos cabelos; ê slavo, diziam outros, attribuindo a essa origem étnica o pendor místico do seu espírito. Nas livrarias appareceram as obras do sr. conde, em versão espanhola, só não se vendendo às grosas porque a peseta ainda está cara, e o escudo — ai de nós! — continua baratíssimo.

Por bem pouco o sr. conde não é recebido em Portugal como um profeta, um mago, um feiticeiro, um taumaturgo. Ferido gravemente numa duello, o sr. conde trocou a positividade das sciências físicas pelo vago da idealidade especulativa. Santo Inácio, por um motivo semelhante, despiu a farda de soldado e fêz-se jesuita. Este comêço de lenda, como succede com tôdas as lendas, engrandecem o sr. conde, não lhe alterando a qualidade de homem, mas tendendo a convertê-lo em mito. Depois vinha a fúria dos soviets, perseguindo-o com ânimo de lhe tirarem a vida, depois de lhe terem usurpado a fortuna. E narravam-se, com abundância de detalhes, as suas viagens por Séca e Méca, discursando aqui, discursando além, da Asia saltando para a América do Norte, do mundo novo regressando ao velho mundo com escala pela Argentina e Brasil. Não há como as viagens para cercarem um nome de curiosidade e prestígio.

Por tudo quanto fica exposto, e ainda porque se fizera ao sr. conde a reputação dum grande orador, profundo e imaginoso, tão grande que na *Ágora* ficaria a par de Demos-

thenes, e no *Forum* excederia Cícero, por todos êstes motivos havia um grande desejo, que era ansiedade, de o ver e de o ouvir, para mais sabendo-se que falaria, não em alemão ou russo, mas em francês, que é uma língua tão cultivada em Portugal, que muita gente lê o Dekobra sem tirar significados, e não é capaz de ler o Herculano sem o socorro do Cândido de Figueiredo.

Das pessoas que ouviram o sr. conde, algumas, que eram versadas na philosophia, tomaram-no como sábio; outras, que eram versadas na sciência, tomaram-no como filósofo, e as que não eram versadas em coisa nenhuma, tomaram-no como metafísico.

O sr. conde tem um admirável talento verbal; possui uma illustração mais extensa que profunda, o que lhe permite fazer discursos em xadrez, combinando os sons e as côres por forma a entreter o auditório, sem cansaço de maior. A ouvir o sr. conde, na sua primeira conferência, estava a lembrar-me de Enrico Ferri, advogado italiano, homem superiormente intelligente e vastamente culto, orador de palavra fácil e elegante, imaginoso como era Sousa Martins, e como êle sabendo ajustar rigorosamente a expressão ao pensamento. Fisicamente Enrico Ferri em nada se parecia com o sr. de Keyserling. De estatura pouco mais que mediana, magro e trigueiro, a cabeleira revolta, os lábios um bocadinho grossos, os olhos bem rasgados e muito vivos, Enrico Ferri dava a impressão dum creoulo, em que as características da raça se encontravam patentes mas esbatidas. Falava o francês como um parisiense da mais aprimorada cultura literária, comprazendo-se em fazer *jeux de mots*, trocadilhos felizes que não preparara em casa, porque se via bem saírem-lhe do discurso com a espontaneidade e a frescura da locução que se improvisa. Ouvi-lhe três conferências na *Escola de Altos Estudos Sociais*, e em nenhuma delas o surpreendi em contradição, em nenhuma delas se percebeu que a abundância de palavras bem ordenadas não correspondia à necessidade de tornar bem claro um pensamento ou persuasivo um raciocínio.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

O sr. conde tem o *facies* dum mongol, e freqüentemente no seu riso largo e demorado, como um trejeito, fazia pensar na felicidade nirvânica dum Boudha de loiga.

Inteligente, sem dúvida nenhuma, mais caricaturista que pintor, servindo-se da palavra como dum lapis, para nos dar em traços largos o esquema de povos e civilizações que mais impressionaram a sua retina do que interessaram a sua intelligência.

Reconhece-se facilmente que o sr. conde tem o gôsto da originalidade, e não podendo encontrá-la nas altas esferas do pensamento, em concepções puramente suas, de ordem filosófica propriamente dita, ou de mera sociologia especulativa, a procura nos aspectos exteriores dos grandes problemas que dizem respeito à posição do homem no Universo, à marcha das Sociedades no passado e seu papel no futuro.

O sr. conde, nas conferências que fêz em Lisboa, não citou nomes próprios, o nome dum grande filósofo ou dum grande sábio, como se os não houvesse na antiguidade e nos tempos modernos, ou como se a contribuição que êles deram para se tornar mais largo o campo dos conhecimentos humanos, para se definir melhor o sentido da vida, para mais aproximar o homem do ideal de Verdade que êle prossegue na áspera jornada dos séculos, prêso ao sonho do Absoluto, como se tudo isto, na escala dos valores, fôsse representado por uma cifra.

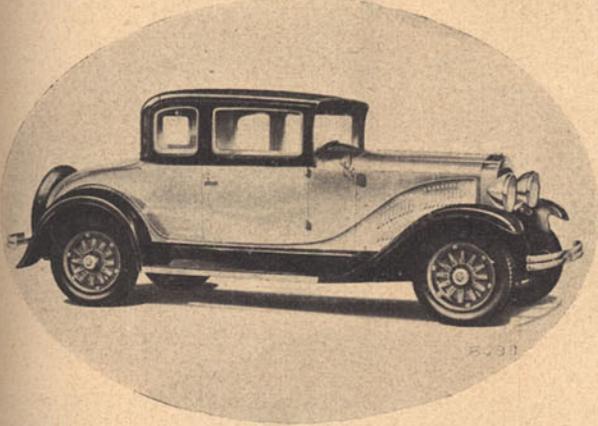
Como filósofo, como sábio, como pensador, o sr. conde não tem ascendência; o mundo das idéias e dos sentimentos, o Universo moral era a desordem, era a confusão antes de luzir o seu génio criador. A sua lei de polarização nada tem que ver com a teoria dos *contrários*, já enunciada por Aristoteles, como nada tem que ver com o idealismo de Kant, Hegel e outros, o seu idealismo *der-nier cri*.

Se não é arrôjo de fantasia falar-nos de *matriarcado* na América, a propósito do papel que na Sociedade americana representa a mulher da actualidade, como se esta palavra não estivesse consagrada para designar uma fase na evolução histórica da familia!

As conferências do sr. conde de Keyserling tiveram esta real vantagem — mostraram que em Lisboa, e em tôdas as camadas sociais, há um número espantoso de pessoas de ambos os sexos e de tôdas as idades, que se interessam pelos magnos problemas da philosophia.

Ora toma...
Quem tal havia de dizer!

BRITO CAMACHO.



De cima para baixo e da esquerda para a direita: — O nosso camarada Campos Júnior, ilustre director da revista «O Volante», com o seu pequeno «Peugeot», em que conquistou o 1.º prémio da sua categoria no Quilómetro de Arranque ultimamente realizado

Grupo de empregados da Companhia dos Tabacos que ofereceram um «Porto de Honra» ao seu director geral, Carlos Marques e Sá, pelo seu aniversário

O delicioso carro «Reo» que ganhou o Concurso de Elegância automobilística no Campo Grande

Casamento elegante da Ex.^{ma} sr.^a D. Maria Isabel Roque de Pinho (Alto Meirim), com o sr. Vasco Ferreira Pinto Basto, realizado



recentemente. Os noivos após o enlace, durante o copo de água em casa da noiva

Os funerais modestíssimos da Rainha da Suécia, falecida há pouco, e que dão uma simpática nota da simplicidade daquelles monarchas

A REBELIÃO NA ÍNDIA.—Mahatma Ghandi, o célebre agitador, rodeado dos seus mais fieis adeptos, durante a sua peregrinação pela Índia, pregando a violação da lei do sal

Inauguração, em Madrid, ante os jornalistas hispano-americanos, do monumento ao grande Mariano José de Larra, que celebrou, no formalismo, o pseudónimo de «Figaro»

(Fotos Serra, Ribeiro, Melo e Orriós)



Casamento do capitão-aviador Pinheiro Correia, ilustre director da revista *Do Ar*, com Madame Risso Dominguez. Os noivos, após a cerimónia, com os srs. consul da Argentina, Don António Mantecón e esposa, os pais do noivo e M.^{me} Keil



Violette Morris, campeã de automobilismo, que intentou um processo ao «Touring Club» por este a ter irradiado em virtude de usar trajos masculinos, trajos que ela protesta usar como sintoma de decência e não de libertinagem



(Fotos Orrios, Serra Ribeiro e Alvaro Martins)

NO PORTO. — Eleição da «Rainha das Costureiras». — A formosa eleita (ao centro), ladeada pelas suas damas de honor (2.^a e 3.^a classificadas), e outras concorrentes ao interessante certame que causou grande entusiasmo na Cidade Invicta



O júri que classificou as concorrentes a «Rainha das Costureiras», composto por Carvalho Barbosa, actor Sacramento, pintor Artur Loureiro, Adelina Abranches, Mestre Teixeira Lopes, Aura Abranches e Sousa Caldas, reunido no Palácio de Cristal



Oficialidade dos submarinos italianos que visitaram o Tejo, com individualidades da colónia italiana durante uma das festas que lhe foram oferecidas em Lisboa
NO OVAL, da direita: — D. Julieta Ferrão, directora do Museu Bordado Pinheiro, de Lisboa, com alguns ilustres professores do Porto e Gaia que lhe ofereceram um almoço após a conferência realizada por aquela ilustre senhora na capital do Norte



OS ULTIMOS CONGRESSOS DE MADRID



Inauguração do Palácio da Imprensa de Madrid, S. S. M. M. D. Afonso XIII e a Rainha Vitória com a Infanta Isabel, Infante D. Fernando, Presidente da Associação da Imprensa, Francos Rodriguez, general Berenguer, Embaixador de Portugal e outras individualidades, no Salão Nobre do Palácio



SS. MM. El-Rei D. Afonso XIII, Rainha Vitória, SS. AA. a Infanta Isabel e o Infante D. Fernando, com o sr. Francos Rodriguez, ex-ministro e presidente da Associação da Imprensa, no acto solene da inauguração, pelos monarcas, do sumptuoso e moderníssimo Palácio da Imprensa de Madrid, acto que foi seguido de numerosas festas e excursões e a que assistiram jornalistas de toda a Espanha e de Portugal, expressamente convidado para este pequeno congresso da Imprensa peninsular, congresso sem teses, nem preparações diplomáticas e estudadas, mas que significa, no ponto em que se refere à solicitação presença de jornalistas portugueses, mais uma prova iniludível de afecto sincero e altamente respeitoso que por nós se sente em Espanha, pese às manobras mais ou menos ocultas de todos aqueles que põem as suas conveniências pessoais ou os interesses das facções políticas que representam adiante do dever elementar de dignidade que é não mentir e respeitar de haixo as ideias que patram alto, quando a natureza não foi pródiga em asas para voar tão alto como essas ideias

(Todas as fotos desta página são exclusivas da «Ilustração» e executadas por Orrios — Madrid).

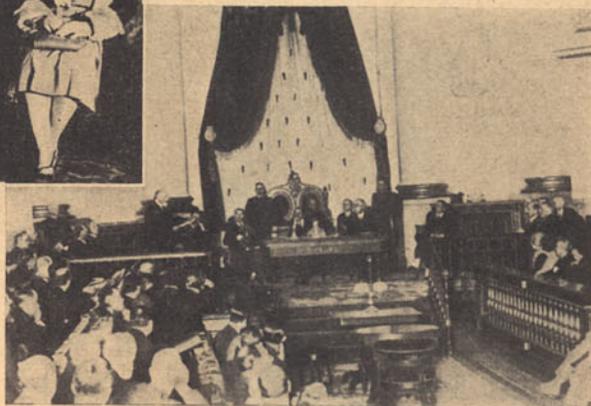


Os jornalistas espanhóis e estrangeiros que se reuniram em Madrid para a inauguração do Palácio da Imprensa, depois de visitar detidamente o palácio do Duque de Alba, onde admiraram as preciosidades que ali se guardam e foram obsequiados com um *lunch* esplêndido



Recepção, no Ayuntamiento de Madrid, aos jornalistas estrangeiros que visitaram Madrid por ocasião das festas da Imprensa. Sentados, na primeira fila, Franco Rodriguez, o alcaide de Madrid, sr. Marquez de Hoyos e o ilustre embaixador de Portugal em Madrid sr. Melo Barreto. No último plano o jornalista português Augusto Pinto, representante do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa e que, numa série de belos «postais-crónicas» fez a reportagem literária dos festejos com uma dignidade e brio jornalístico verdadeiramente contrastante com a *média* geral a que estamos resignados

A DIREITA: — Inauguração do Congresso Internacional de Urologia em Madrid, a que concorreram os mais famosos especialistas e sábios do mundo inteiro. S. M. D. Afonso XIII presidindo à sessão, tendo a seu lado o general Berenguer, chefe do governo espanhol





PARA ONDE CAMINHA A ESPANHIA? — À esquerda: O duque de Spoleto, filho da duquesa de Aosta em visita aos reis de Espanha; uma visita gentil num momento enigmático. O Duque, ao centro entre os infantes D. Jaime (à esquerda) e D. Afonso de Orleans, saindo da Estação do Norte. À direita: — Aspecto do comício de afirmação monárquica para o qual se aproveitaram os festejos de inauguração da nova Praça de Toiros de Madrid e a que uns ligam grande importância e outros consideram como uma prova de fraqueza espectacularmente dissimulada em apoteose.



Um enigma: O general Goeld que, marchando sobre Madrid com a divisão de Caliz revoltada, determinou a queda de Primo de Rivera



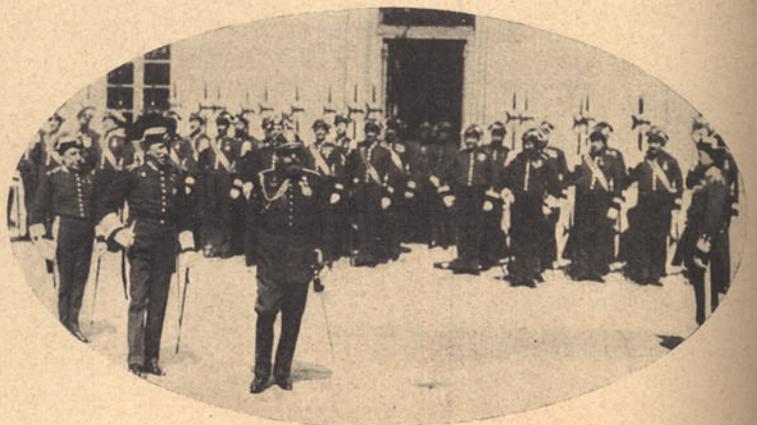
Alcalá Zamora, o prestigioso político monárquico que acaba de, sensacionalmente, declarar em público a sua adesão aos ideais republicanos

À ESQUERDA: — Figuras de prestígio. Ao centro, o alcaide de Madrid Marquez de Hoyos e à direita da foto o infante D. Carlos, que foi esposo da princesa das Astúrias, antigo capitão-general da Andalúzia, a quem se atribui um papel de destaque na queda de Primo de Rivera e que actualmente é capitão-general da Catalunha

NO OVAL: — Outro enigma. O barão de Casa Davalillos, o singularmente célebre general Navarro das campanhas de Marrocos, nomeado chefe dos Alabardeiros reais, no acto da sua posse



Mas... nem preocupações políticas, nem sequer o emboado do horizonte social impedem as mulheres de serem bonitas e de, *espanholissimamente*, passarem as suas mantilhas castizas em Semana Santa (Fotos Orrios, exclusivas de «Ilustração».)



A INAUGURAÇÃO DO TUMULO-MONUMENTO DE PABLO IGLESIAS EM MADRID



Acto da inauguração do Pantéon que encerra os restos de Pablo Iglésias, obra de grande arrojo arquitectónico e escultórico que ficou sendo um dos mais notáveis monumentos de Madrid. A inauguração realizou-se com várias cerimónias das quais a mais emocionante foi o desfile, diante do monumento, dos proletários espanhóis, desfile que durou todo o dia desde a alvorada ao sol-pôr

A DIREITA—O escultor Emiliano Barral, (em cabelo) antigo operário cauteiro e acarinhado no começo da sua carreira por Pablo Iglésias e hoje um dos maiores escultores da Espanha e autor do monumento-mausoléu do grande socialista, talhando directamente na pedra as figuras alegóricas



NO MEDALHAO — Um jornalista falando com a sr.^a D. Amparo Iglésias, que foi, durante muitos anos a companheira entusiasta e devotada de D. Pablo, partilhando as suas inquietações e os seus revezes e que agora vive, longe do mundo, no retiro modesto da sua casinha



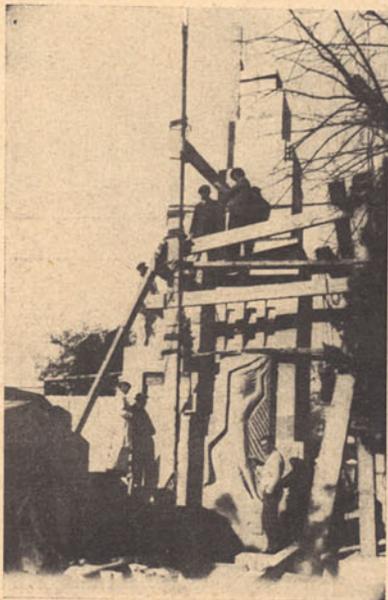
(Fotos Orrios, exclusivas)



NO MEDALHÃO DE CIMA: — A primeira mesa de trabalho que utilison o grande apóstolo do socialismo Pablo Iglésias, quando, com três amigos redigiam, compunham, imprimiam e endereçavam o jornal *El Socialista* que tantas vezes o levou ao cárcere madrilenho

AO CENTRO, à esquerda: — Os operários de Madrid desfilando ante o monumento funerário erguido, no cemitério civil, a expensas do proletariado espanhol, para perpetuar a memória do grande apóstolo do socialismo, Pablo Iglésias

A DIREITA — O escultor Barral ao lado dum dos seus baixos relevos que orna a base do torreão truncado simbolizando o triunfo conseguido por Pablo Iglésias, não triunfo definitivo mas aneio e avanço lírico da mais alta elevação embora sem a finalidade prática de remate



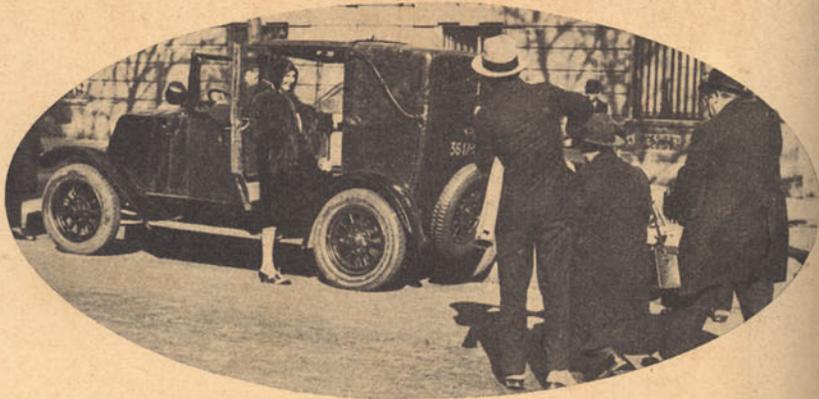
A ESQUERDA—O antigo ministro sr. dr. Nuno Simões realizou no Norte uma série de conferências económicas a que a imprensa diária se referiu com o maior apêço. A conferência inicial realizou-se no Centro Comercial do Porto. Foi extraordinariamente concorrida, tendo presidido o eminente professor e jornalista sr. Bento Carqueja e havendo o sr. dr. Nuno Simões dissertado sobre *A nossa expansão económica*. É um aspecto dessa conferência que damos na nossa gravura

(Foto André Moura).



Fonte decorativa do insigne escultor Henrique Moreira, ultimamente inaugurada na nova Avenida dos Aliados, no Porto

(Foto Francisco Viana).



NO OVAL, DA DIREITA—Lita Grey, a última mulher de Charlie Chaplin, famosa pela acção de divórcio e pela interdição temporária que tal processo acarretou ao conjugue misantropo, acaba de chegar a Paris sendo assaltada pelos fotógrafos

(Foto Orrios).



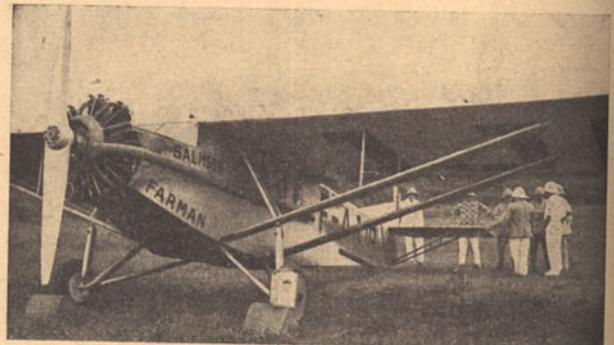
Uma das mais interessantes provas que se realizaram sobre o famoso Autódromo de Avus, próximo de Berlim, foi o percurso feito por um automóvel Chrysler 65, que durante 69 dias e 68 noites andou 86.000 quilómetros. Na lubrificação do motor deste carro—que esteve trabalhando continuamente durante mais de 1.600 horas, empregou-se exclusivamente Mobiloil



A ESQUERDA—Comissão promotora da fusão das Associações de Socorros Mútuos «Serpense» e «Correia da Serra» em Serpa. Da esquerda para a direita:—Sentados: srs. Luís Nunes Afonso, Luís Cavaco, Oliveira Morca, Domingues Rosa, Francisco Catalana e Jacinto Lança.—Em pé: Mário Antunes, Messias Milho, Cândido Pombeiro, Gomes Ventura, Carrasco Júnior e Francisco Martins

(Foto B. Pombeiro).

Em 10 dias e 8 horas fez o capitão Goulette, com mais dois companheiros, a viagem aérea de Paris à ilha Maurícia, Madagáscar, num monoplano «Farman 190», equipado como motor «Salmson» de 230 H. P. Como tem acontecido com outros «raids» em que o funcionamento do motor é uma questão de vida ou de morte, Mobiloil foi o óleo escolhido e o combustível empregado foi a gasolina *Sphinx*, que é também um produto da Vacuum Oil Company



MUSEU DO PRADO

MADRID



JAN SANDERS
VAN HEMESSEM

O cirurgião
da aldeia

“O HOMEM QUE MATOU O DIABO”

VI

Ao descolar do automóvel — seriam dez horas quando muito — abatia-se sobre a cidade a quietude dos lugarejos, ditosamente adormecidos com o recolher do gado. Noite obscura, fosforejavam as estrêlas no céu fundo e baço, como brasas espalhadas num imenso cinzeiral. Adiante do carro fugia a estrada, inalteravelmente negra e silenciosa, ora disparando em yô de flecha, ora serpenteando acima da vargem a que as tintas opacas da noite imprimiam as aparências dum tenebroso e desmedido mar. Mal lhe descompunham a negrura a luz forte dos faróis e à sua mudez imponderável o zumbido rouco do motor dava a amplificação majestosa dum deserto. Das sebes, onde uma macieirinha anã devia erguer ramos, pesados de velhice e de frutos tenros, das copas altas das mimosas e acácias, com os troncos grossos perfilados como patrulhas ao longo das valetas, dos quintais do pobre, dos próprios coutos do mato galego, vinham alagar, envolver o carro os rescendores da primavera esmorecente.

— Olha como tudo dorme! — proferiu Cipriano intencional.

— É verdade — respondeu Macário. — É nestas noites de primavera, macias como o veludo, que a natureza, quebrantada dos estos do dia, dorme a sono sóto. Pretende a botânica que não, que é no inverno. Sabese lá que soma de esforços não dispense a vida na imobilidade!

— Para os vegetais, sobretudo, a hibernação é uma sorte de catalepsia.

— E que jôgo de energias não estará atrás dêsse fenómeno?

— É nos primeiros planos a gente olha para as coisas. Poeticamente posso imaginar que aquela olaia, tôda aberta, tôda carminada de flores, dorme como uma mulher na gravidez. Mas não, deve estar a sugar no húmus como uma bacorinha na teta da mãe. Para o poder afirmar, basta-me saber que cresce de noite. A vida animal e a vida vegetal regem-se por leis diferentes. O solo e a planta fazem um; com o bicho não sucede a mesma coisa.

— Repugna-me accitar que o mecanismo da vida não seja análogo na planta e no animal.

— Sim, mas no infra-receptível das variações está tudo. Há uma unidade na vida, mas não identidade.

— Em matéria de conhecimento, andamos nas primeiras letras do alfabeto. Que sabemos nós no mundo invisível que nos rodeia?

— Tudo a que os meus cinco sentidos são inacessíveis não me interessa. Supondo que sou espiritualista, acato as restrições de Deus; materialista, tôdas as lentes são poucas para estudar o meu elemento.

— Acredito na immortalidade...

— Estás no teu pleníssimo direito.

Tinham ultrapassado os subúrbios e o automóvel engolfava-se por entre matas de pinheiros, negros, hirtos, com uma caótica fixidez de espantados. Mas lá adiante, onde varria a luz dos faróis, às duas bandas das

Aquilino Ribeiro, o eminente romancista português, um dos mas sólidos e fortes valores da nossa literatura moderna, acaba de lançar ao público um novo romance O homem que matou o diabo, cujo successo editorial promete ser maravilhoso. A obra de Aquilino Ribeiro já não precisa de adjectivos nem se faz mister a mostarda do réclamo para que o público fiel do grande prosador português espere, com ansiedade nunca defraudada, cada nova obra que surja no mercado. Mas não podemos deixar de fazer arquivo, nas nossas colunas dum belo trecho desta obra verdadeiramente surpreendente que marca a maturação completa do talento magnífico de Aquilino Ribeiro

valetas, uns abriam alas processionais; figuravam outros descer pela lomba meio desnuda a passo de carga; e, depois, fugiam todos em debandada para trás. Aos bosques succederam-se os breves oásis dos povilêus, com os voláteis incensos do alecrim e da alfazema embalsamando o ar, os cães de pastor, ampliados pelo contraste da luz e das trevas em proporções descomuns, a arremeter raiosos contra o carro, latadas em que os pãpanos nascentes pareciam de prata, uma peireira, íris e neve, exalando na noite uma impressão feminina de garridice e fragilidade, o casario, torvelinho de planos e de cubos, mais pressentido que devisado.

— Em que vais a cogitar? — perguntou Cipriano.

— Que vamos por esta estrada deserta supondo que ninguém nos vê, e somos observados por um rôr infinito de testemunhas.

— Um rôr infinito é muita testemunha junta. Só mosquitos; mas a esta hora, a maior parte dêles devem estar a dormir bêbados das bambochatas do dia nas fôlhas tenras das árvores.

— Não escarneça. Como muita gente bem pensante, imagino o universo produto duma vontade, que se vai desdobrando em gradações de natureza espiritual até chegar ao homem. Do homem, primeiro fuzil do mundo físico, desprende-se a flama que vai integrar-se na escala divina, cujo fecho é Deus.

— Compreendo, lá na tua, o universo é uma tortulheira de espíritos como de bacilos o caldo do bacteriólogo. Esqueces que essa doutrina adaptou o dogma cristão da immortalidade e mereceu o anátema da Igreja. Não dizem os santos padres que as almas ou vão para o inferno e de lá saem, ou voam para a mão direita de Deus Padre, onde ficam presas da sua doçura como môscas do mel?

— As sciências teológicas são omissas, dando de barato que sejam infalíveis. Se as almas perduram à consumpção, como me ensina o meu dogma, porque não hei de admitir que baixem entre os homens, lhes assistam, os inspirem, lhes insulfem determinadas regras de acção, numa palavra, desempenhem junto dêles um papel moderador, repressivo ou tutelar?

— Ah! ah! Lá se vê, é graças a essa policia secreta que cada vez há menos patifes no mundo!

— Os espíritos são caprichosos e inconstantes, avaliados à luz do nosso entendimento.

— Quem te ensinou uma metafísica tão absconsa? Foi o padre Augusto?

— Tenho filosofado muito comigo e com Deus. Eu ouço, e só não ouve quem não queire, mil vozes interiores quando me proponho cameter um acto que sai do ramerrão quotidiano. Donde veem elas, se não des séres invisíveis que penetram na minha consciencia como o sol por uma vidraça? Olhe, ouço-as agora que me dizem: vais praticar uma feia acção. Volta atrás, ainda é tempo!

— A isso chama-se em gíria terrena — cortar prego. Descansa, que no convento não encontrarás espíritos. Sou petroleiro, fogem de mim às sete partidas.

— Comprometi-me, vou, ainda que soube que a minha alma caía direita no inferno. Agora lhe digo, êsse convento da *Ara Coeli* deve ser uma formidável mansão de espíritos. Os milhares de almas que por lá passaram; ali tiveram o seu humilhadeiro; ali sofreram o seu calvário; ali pensaram os seus amores terrestres e prelibaram os seus amores divinos; êsses milhares de almas pairaram, não podem deixar de pairar, sobre a pobre ruína mística. Estão esparsas na penumbra, consubstanciadas nas paredes, nas imagens, em tudo o que lá resta de pé. Por isso há coisas sacrossantas, e é risco de morte tocar nelas com mãos profanas.

— Breve tiraremos a prova — disse Cipriano com visível desdém. — O mundo é átomo, eléctron, reacção entre os dois, e mais nada. As vezes tão subtil é o fenómeno que os eunucos do entendimento inventaram para o explicar a palavra *espiritual*. O resto são baboseiras de cérebros doentios.

Iam costeando a serra, a julgar pelas rampas de rocha e de saibro a que uma giesta ou pinheiro revelho faziam sentinela desolada. Repercutia mais alta e sonora a zoadá do motor. Um coelho que pincharolava na zona luminosa dos faróis, uma cruz de homem morto, instilando supertição e terror, um pontão sobre águas vivas, penedia e monte, monte e penedia, e sempre o macadame correndo deserto entre sombras enoveladas.

Depois de longo silêncio, expôs Cipriano com tôda a minúcia o plano de entrada no mosteiro. Desfiando um rosário de hipóteses, até aquelas que se lhe poderiam antepor como mais adversas, só contava com dificuldades de ordem material. Nada havia a recicar; aquilo era uma cová, distante de eira e beira, onde não bolia viv'alma.

— Pois a mim palpita-me que nos vai acontecer desastre — disse Macário. — Todo o caminho me tem vindo a trabalhar a consciencia que o melhor era desistir.

— Homem, quem tem mêdo compra um cão. Para que aceiteste o dinheiro?

— Não se exalte, vou. Limite-me a dar-lhe parte dos meus agoiros.

— Dispensote a atenção. O que te recomendo é que trates do sistema gastro-intestinal. Isso não deve funcionar bem.

Calou-se Macário, cominado pela voz sarcástica. No fundo da sua alma ia transido, torturado de mêdo, sustentado pela fátua esperança de que o carro se despenhasse por uma ribanceira e, mortos ou feridos, assim

tivesse embargo a sacrílega aventura. Mas, conduzido por mão segura, afoito, com fremsim, sem tatear o piso, lá ia o automóvel devorando quilómetro atrás de quilómetro, entoando o seu refrão glorioso. Tinham desido para a planície, terra de paúl e vinhedo, e boiava no ar o cheiro da vessada, este cheiro da terra acre, salitroso, em que parecem fundir-se todos os perfumes da vida e da morte. Acompanhavam a estrada testeiras verdes de campos, renques de árvores floridas, e muros altos de quinta com portão de ferro entre pirâmides de silharia lavrada. E ouviam-se cantarolar os ribeiros, impregnada a atmosfera de sua humidade fecunda.

Mas lá longe, acima da veiga verde, levantou-se o quarto-crescente, estreito e pálido como foice enferrujada. Já branquejava a fita alvaca da macadame; já luziam como aço brunido as fôlhas recém-vindas dos castanheiros. E na luz esvaente, denunciavam-se os plátanos e os eucaliptos pelo tronco branco e escoceado, as cerejeiras pelo torção de esmeralda, com recamo de lantejoilas, e os rústicos pinheiros pela negrura solitária. Saltou um molosso de granja, agigantado ao reverberar da luz; chisparam lumaréus do restólho engaçado; ouviram-se, apagaram-se vozes, como relâmpagos. E, vuú-vuú, sempre mais longe.

— Vais a rezar! — berrou Cipriano. — Rezas daqui a pouco na igreja da *Ara Coeli*.

— Ia quasi a dormir — respondeu Macário que, ao ritmo da marcha, se ia embalando entre a visão da amada e a inquietude do lance a jogar.

— Pois acorda, que estamos quasi chegados. É bom íres calçando as alpargatas.

E dizendo isto, tirou Cipriano as botas e meteu nos pés umas sandálias surdas, de ratoneiro.

— Mas é precisa essa cautela tôda? — observou Macário ante aquele aparato.

— Homem, o seguro morreu de velho e D. Prudência foi-lhe ao entêrro. Pode andar por lá algum pastor a acurrallar terra, e assim gira-se também mais leve e subtil.

Obedeceu Macário grunhindo:

— Os fados teem de se cumprir. Vou como se fôsse de rastos.

— Diabos te levem, mais ao mêdo. Colaboras numa obra meritória, que os quadros estão-se a perder. Se houvesse espíritos, como tu alanzas, eles próprios os dependuravam do muro e vinham-nos trazer ao automóvel.

— Viriam. O que lhe digo é que não basta quanta água lustral há no mundo para nos lavar as mãos.

Mas não o ouvia Cipriano, distraído a dizer ao *chauffeur* que apagasse os faróis e marchasse lentamente. Pela direita, a todo o longo da estrada, ia galgando uma parede muito alta, de negra e miuda alvenaria, com o dorso de cavalo esbarrado de espaço a espaço.

— Cá está a cêrca! — dito o que, a meia voz, apressou-se a correr à outra portinhola, que olhava para as matas. O automóvel seguia ronronando baixo, sem um estremeção, como felino à caça. Mas brevé gritou Cipriano:

— Alto!

Rasgava-se um pequeno desvio por meio dos pinheiros dentro, traçado pelos carros da lavoira, e acrescentou:

— Mete para ali o carro! Vês o esconso? É mais seguro que na *garage*.

— Mal pecado que não viesse alguma donzela ter comigo — gracejou o *chauffeur*, que era rapaz novo, de ar desenganado.

— Talvez algum lôbo. Quanto ao mais, podes deitar-te a dormir.

Cipriano retirou do carro dois pacotes de ferramenta; e dando um a Macário, metendo outro outro debaixo do braço, proferiu:

— Ala que se faz tarde!

Atravessando o macadame, cortaram para um caminho velho, que se afundia como uma regueira entre o muro feudal da cêrca e o muro alto de duas varas, suporte das terras que desciam da banda do Norte em íngreme escorregadoiro. Era um caminho de lãjeas, desiguais, gastas pelo vaivém secular do mosteiro, que contara passante de cento e trinta celas. Do seu esplendor, das graças e prodígios de que foi teatro, reza a crónica da ordem em páginas e páginas que resscendem mais fragrância que um campo de anêmonas. *Crisol de vidas e aljobre de santas* qualificou certo visitador aquela clausura, que, sendo mimosa de todos os regalos, com tulhas abarrotadas até o teto, se tornara pelo jejum e o cilício um dos purificatórios do Carmelo.

— Este muro é mais velho que a Sé da Guarda — murmurou Cipriano, levado sape que sape, como um gato, na sua sombra.

— Parece construído de cascalho e em solidez nenhuma fortaleza lhe ganha. Se os gerifaltes chegavam ao pé das monjas, é porque elas queriam. Mas onde diabo está a portaleira?

— Não terá sido essa portaleira ilusão dos seus olhos? — balbuciou Macário, respirando o desfôgo duma súbita esperança.

— Não é, tenho-a na planta.

— Estudou então a topografia do mosteiro?

— O melhor que me consentiu o padre capelão. O raio do homem andava com lúzio de cima de mim que fervia. Bemfeita, que há de acabar em Riilhafoles!

Lobrigaram, afinal, o esbarranco para cruel desengano de Macário e, escalando a rumada de pedras, subiram para a crista do muro. Diante dêles estendia-se a estranha paisagem do horto, mais cemitério ao abandono que terra de cultivo, talhado em xadrez pelas ruas de murta de que lucilavam ao luzeiro frouxo do luar, mortças e páldias, as frondes esguedelhadas. Não se via o solo, mas adivinhava-se ser pasto de faminta e raivosa enchente de ervas pela escuma verde-negra que o cobria. Do meio delas, como em levitação, elevavam-se cones brancos, rarefeitos, que deviam ser árvores de fruto, vingando florir uma última primavera, caducas e exaustas. Formas veladas destacavam aqui e além, porventura arbustos, estátuas corroidas ou fantasmas evanescentes. Ao fundo, o vulto do mosteiro punha sombra imensa e espectral. E aliado ao aroma forte, selvagem, das ervas daninhas, da murta, dos detritos vegetais, pairava ali um silêncio tão absoluto e infesto, que chegava a incutir uma noção chocante de personalidade.

Não se deteve Cipriano na inspecção da inconsolável soledade; pulando dentro, foi abrindo caminho pelo ervaçal, ao abrigo da murta, com breves paragens para não se perder do companheiro.

Cêrca de uma brenha de ciprestes e loirei-

ros, tão espessa que bem se via nunca ali entrar machada, suspenderam-se à escuta. Não bolia fôlha. A poucos passos perfilava-se a portada da igreja, muito direita em suas linhas rectas e salientes cunhais à escoda, com panos de argamassa e cornija que se subpunha ao tímpano e se prolongava para o convento a tôda a volta dos beirais. Sôbre o ângulo Norte, a sineira, de uma só empena, mostrava as ventanas vazias, varadas melancolicamente do luar. Acima do arco da galilé, no seu nicho tubulado, uma santa Teresa de pedra lioz dormia o sono extático; esbeltas pirâmides encimavam as platibandas. E para lhe não faltar o ar austero de frontispício século XVII, em exergo, inscrito no lintel, brilhava um *Jesus dulcis amor meus*, que Cipriano, a dar tempo ao tempo, rememorava para o companheiro.

Ali permaneceram obra de minutos e iam a despedir quando rompeu perto a serenata dum rouxinol.

Diluiu-se a dolente melancolia daquele lugar de sombras, como se por sôbre a terra morta descesse um dilúcio de rosas. Já não empestava o ar o odor acre da murta; já o silêncio perdera aquela fixidez de dragão que vigia; e da alma de Macário evolavam-se, como fumos de pesadelo, seus místicos terrores.

— Vamos lá, muito devagarinho, para não espantar o cantador — murmurou Cipriano caminhando para a igreja na ponta dos pés.

— Vai ser o nosso guardião o rouxinol. Se se cala, é porque damos alarme, o que não é bom; ou porque vem gente, o que é pior.

— Se o senhor fôsse da raça do monge que passou mil anos em êxtase, conta o padre Bernardes, a ouvir o rouxinol, deixava os quadros e não saía daqui.

— Não, não sou dessa raça. Sou da raça daqueles que julgam mais louvável salvar dois Riberras da destruição que duas almas do inferno. Adiante, que é festa!

Entraram para a Galilé e logo se foi Cipriano experimentar as portas, robustas, pôsto que velhas, com almofadões lavrados e grossos, cravos de cabeça em poliedro. Empurrou; estavam, de certo, bem trancadas por dentro, e os batentes não arredaram um dc outro nem tanto como a grossura duma fôlha de papel. Em vista do que, desfez os embrulhos e apertou as ferramentas com o tino dum nictalope e tanta leveza que na balseira o rouxinol não se interrompeu de cantar. Com o pé-de-cabra atacou então as portas, insinuando-o quer no rasto, quer no rasgo das ombreiras, ora com mancinho jeito, ora com nervoso arranco. Nem ares de ram de bulir.

Perplexo, em tom de solilóquio, meditou: «Esta é a entrada mais directa e mais segura. Ninguém nos vê trabalhar; uma vez os batentes dentro, cantam os Riberras no papo. Pela outra porta, a cartada oferece seus riscos; está muito em exposição; e passante ela, quantas outras não haverá, fechadas a sete chaves, a tolher-nos o caminho? Avançemos pela poterna. É preciso cortar a tranca... corta-se. Não há frincha para o serrote manobrar? Abre-se um ilhô».

E dispôs-se à obra...

AQUILINO RIBEIRO.

(De «O homem que matou o diabo», recentemente posto à venda.)

MIRADOURO dum SOLITÁRIO

A PROPOSITO E A DESPROPOSITO



DA PEÇA "TARARI"

Tinha o Eduardo Scarlatti tóda a razão para me recomendar a leitura da peça *Tarari*, de D. Valentin Andrés Alvarez, de que, infelizmente, — tão arredado ando há tempo de coisas de teatro, — não cheguei a ver a representação no Politeama.

Perfeita a tradução, me afirmou também o mesmo exigentíssimo sr. Scarlatti, e, nesse ponto, me não ofecereu novidade de maior, pois seus autores, João de Sousa Fonseca e Novais Teixeira, além das belas inteligências que Deus lhes deu, desconfio que com os primeiros *sombreros anchos* que puseram sobre a cabeça, meteram Castela no coração e todo o sal da sua língua.

E é sabido que sem esta espécie de *fregolismo*, quando não haja simbiose perfeita entre a alma de quem traduz e a alma de quem criou, imperfeita será a versão certamente, proba talvez nas intenções, mas coisa algida e cadavérica a denunciar o *traditor* onde deveria estar o tradutor.

O que lhes juro é não me ter mentido ao falar-me da comédia espanhola este sr. Scarlatti que, de casa e pucarinho com Bergson e seus derivados, e um tanto perdido pelos desvairados caminhos de Nietzsche à busca das origens da Tragédia, é das raríssimas pessoas que em Portugal pensa a sério em teatro, esperando d'êle não sei que magia prodigiosa, antevendo-lhe dilatados, religiosos horizontes, uma altitude helénica que o Wagner tentou e atraiçou sem remédio, e que o super-cabotinismo de Gabriel d'Annunzio desfez afinal em retórica arqui-brilhante mas decadente — Machiavelo artista e luxurioso babando-se em volupias literárias de muito má qualidade...

O sério Donatello que, occulto sob a Epo-

perdõe — do que a soléne e bem medida pompa do teatro de Racine.

E, já agora que estou desconversando e pois que as palavras são como as cerejas, não lhes parece que um serviço semelhante ao prestado por Donatello ao Buonarroti prestou Stendhal a Honoré de Balzac, e, por reflexa, aos grandes escritores russos seus descendentes como a quási tóda a Literatura do século XIX? Não foi êle quem impediu a tumultuosa torrente Balzaquiana de perder seu rumo, o leito pedregoso mas firme que o autor da *Chartreuse de Parme* de antemão lhe tallhara? Não é o *Crime e Castigo* — creio que o maior livro do século passado — uma resposta ao *Le Rouge et Le Noir*? Acaso não presentem na Madame Bovary uma parente, ainda que afastada, de Juliano Sorel? Não seria ainda êle, com a desdenhosa e por vezes dura sobriedade do seu estilo, quem, de mãos dadas com os gregos, vem tirar da boca praguejante de Nietzsche a tuba sonora e belicosa, e liberta o grande, inconcútil génio de Artista e de Crítico que neste ardia com fogo sagrado?

Pois não foi Henri Beyle quem da *literatura*, da preocupação fabriqueira e odiosa do *morceau* que fêz a desgraça de Zolas e Daudets, tantas vezes salvou êsse singular, sombrio e humaníssimo Guy de Maupassant? Pois não foi este mesmíssimo Stendhal quem desviou os eleitos das largas scenografias que o sr. de Chateaubriand andou rolando e desenrolando do alto dos seus livros, e quem lhes cerrou os ouvidos àquela oratória com que o grande Visconde fabricava suas sonoras tempestades e onde Hugo não sossobrou só por milagre do seu génio e da sua imensa força? Não o

peia de Miguel Angelo, o não deixou jamais perder-se na enfase duma fácil eloquência, lhe tallhou os limites intransponíveis dos graves canones primitivos, retraíndo-lhe a cada instante, no mármore puríssimo, a romântica desbordância e as inflações pecaminosas, como se no imo de cada estátua à sua dura mão de operário florentino estivessem presas as linhas impecáveis da divina escultura, e que, por fim, à beira do sepulcro, lhe domina e guia o cinzel e quási inteiramente se lhe substitui na Pietá da Catedral de Florença — este nobre senhor Donatello não desceu jámais a presidir às feéricas orgias do literato Gabriel.

Porque é caso de notar que mais se irmana com a pura Arte grega a obra ingênua dos Primitivos e de seus imediatos descendentes, do que o classicismo intelectual da plena Renascença, prontamente amaneirado e arrefecido no estilo jesuíta do século XVII, e cada vez mais degenerando através de tódas as tentativas neo-clássicas até nossos dias, — assim como são mais próximos de Eschilo e Sofocles os bárbaros Aitos do nosso Mestre Gil do que as pretensas ressurreições de Wagner e de d'Annunzio, e — Anatole me



OS REALIZADORES DE *Tarari* EM PORTUGAL VISTOS PELO CARICATURISTA Tom

D. Valentin Andrés Alvarez

João de Sousa Fonseca

Joaquim Novais Teixeira

«Tom»
autor da «maquette» dos scenários

Eduardo Scarlatti,
porventura o melhor dos espectadores

O AUTOR

TRADUTOR

TRADUTOR

«Tom»
autor da «maquette» dos scenários

Eduardo Scarlatti,
porventura o melhor dos espectadores



Três intérpretes de *Tarari* na versão portuguesa: Maria Helena, Gil Ferreira e Maria Matos (censuradora). Vistos por Tom

vemos por detraz da alma inquieta e da obra e vida trágicas do nosso grande e horrível Camilo? Pois a este, como aos heróis de Stendhal, não é a mesma sede alucinante de viver e de morrer que permanentemente os devora?

A mim, pelo que estão vendo, é que éle infelizmente não ensinou coisa alguma, pois fôsse eu sequer o mais mesquinho dos seus aprendizes e já me não perderia como me vou perdendo na curta caminhada desta crônica como se fôsse através de longa e difícil viagem, metendo-me por tão mal traçadas veredas que nem sei já agora como encontrar a direita estrada.

Reatando a palestra em que o Stendhal se me introneteu como Pilatos no Crêdo, o que eu queria afinal dizer àquele amigo Scarlatti, illustre autor da «Religião do Teatro», é que o retorno ao teatro grego é coisa impossível pelo menos por estes tempos mais chegados.

Morreu a Grécia, o grande Pan morreu, a Tragédia é morta — meu caro Scarlatti, e tôdas as boas vontades de ressurreição hão de tombar sem remédio, ou porque daquela clara e pura Beleza os homens não mais são dignos, ou só talvez porque tudo o que foi possível realizar dentro dos apertados limites da sagrada Hellade, não é fácil repetir entre os numerosos rebanhos humanos que povoam e sujam a Terra, vivendo as nações cada vez mais em sistema de vasos comunicantes, — por conseguinte o que há de melhor e de mais elevado, tendo logo de descer ao baixíssimo nível comum que, por ser de tantas e desvariadas gentes, é ainda e — ai de nós — talvez para sempre, a vasa do ódio, do medo, da fome e da mentira.

Estamos irremediavelmente condenados ao Teatro Socrático sabe-se lá por quanto tempo, e sôlta modernamente a palavra de ordem pelo génio de Henriq Ibsen, logo foi escutada em todo o mundo por cada dramaturgo digno d'este nome.

Post-guerra, ainda mais recrudescceu, parece, esta paixão pelo drama psicológico, que afinal só pode interessar as *élites*, pois lá não cabe a larga sensibilidade das multidões que já na Grécia pateavam Euripides por nele não encontrarem o sentimento colectivo, o ambiente *religioso* que ansiosamente procuravam.

Porquê esta tendência? Porquê este isolamento do Teatro? Porquê, nos dramaturgos, é cada vez mais acentuado o divórcio entre o sentimento geral e as suas obras de arte?

Nuns, talvez por um viril e fecundo protesto do indivíduo contra a ditadura brutal e materialista das grandes massas. Noutros, a simples fuga para suas Tôrres de marfim, onde vão, solitários, dissecando e hamletizando o próprio Eu, a alguns pendendo-lhe da cinta a mágica lanterna freudiana, a clarear com obliqua luz as mais obscuras cavernas da própria alma.

Entre os primeiros se pode contar êsse admirável e híbrico Bernard Shaw que conseguiu meter no mesmo saco o Nietzsche e o Socialismo; abaixo dêle, entre os segundos, Pirandelo, Lenormand, e, mais finalmente decerto, Jean Sarment que, felizmente, não esqueceu o seu Molière e a elegante e elevada obrigação de ser francês.

Nesta mesma corrente, mas em boa verdade dela tentando salvar-se pelo Riso, que de sua natureza democrático, goza duma mais vasta zona de influência, me pareceu a interessantíssima peça de Andrés Alvarez, vibrante de mocidade e talento, escapando-se quanto possível para os domínios populares do Auto, e a quem os Pirandelismos intrusos não apagaram os sérios ensinamentos dos velhos Mestres espanhóis.

É curioso como nesta Espanha, eterna criadora de pintores, o palco se transforma sempre em tela rica, e cada dramaturgo desde que tenha pulso, desenha e pinta quadros de tal realismo e colorido que não mais é possível esquecê-los.

Sempre me há-de lembrar, que, pelos museus de Itália, quando se me deparavam telas de Mestres espanhóis, especialmente se algum Ribera praguejava, logo os italianos à roda, Deus me perdê, pareciam que me estavam cantando a *Traviata*.

Eles são assim, *nuestros hermanos*, instintivamente pintores e teatrais, *luciendo-se* à luz dum sol que na Espanha não é, como entre nós, tamisada pelas neblinas do Mar, luz forte e seca que se não presta às indecisões do Sonho, às abstrações da Poesia pura, mas que, em compensação, objectiva com nítida violência todos os aspectos da Vida, e em quadro, drama ou caricatura, os

projectam com uma verdade sem igual. Lá, a própria música é cor e movimento, e não há quadra popular que não contenha nos seus quatro versos um drama completo...

Tôda a grandeza dos «Lusíadas» está no Mar, às estrofes sucedendo-se as estrofes, como as ondas se sucedem às ondas, no mesmo ritmo imenso e profundo. As figuras dos Varões assinalados perdem-se no vasto rumor das águas, e só o grande amor da Pátria sobrenada, única a sua voz igualando a voz do Oceano. Quem tentasse iluminar o grande Livro, amesquinhá-lo-ia de maneira irremediável.

Ao contrário, tôdas as passagens de D. Quixote podem ser esculpidas em Bronze. E só o bronze seria a matéria digna em que se fundissem as imortais caricaturas de Cervantes, como as de Aristophanes exigiram decerto a claridade dos mármoreos puríssimos.

Mas deixemos comparações, já gastas à força de repetidas, entre os distintos feitos dáquem e dálem fronteiras, que só aqui repisei para melhor acentuar que tôdas as ricas qualidades características da grande Arte da Espanha, tôdas, mais ou menos se encontram reflectidas na peça *Tarari*, de Andrés Alvarez. De resto, a bela obra do illustre dramaturgo espanhol não me foi hoje mais que nobre pretexto para traçar algumas notas discordantes à margem dos *Sonhos* de Eduardo Scarlatti, ledor atento que sou dos seus livros em que há sempre talento raro, sério e aturado estudo.

Sonhos — lhe chamei eu, pois os dias de hoje não correm propícios a realizações nos domínios da Beleza nem a fantasias de estetas, dias angustiados de dúvidas e interrogações sem resposta, e onde a Arte não passa de mero incidente, ligeiro ornamento sem influência profunda na marcha acelerada e tumultuosa da Vida.

Choremos juntos — como diria o Eça — choremos juntos, meu caro Scarlatti, as lágrimas amargas que Musset também chorou, por termos vindo ou cedo de mais ou tarde de mais a este mundo tristíssimo.

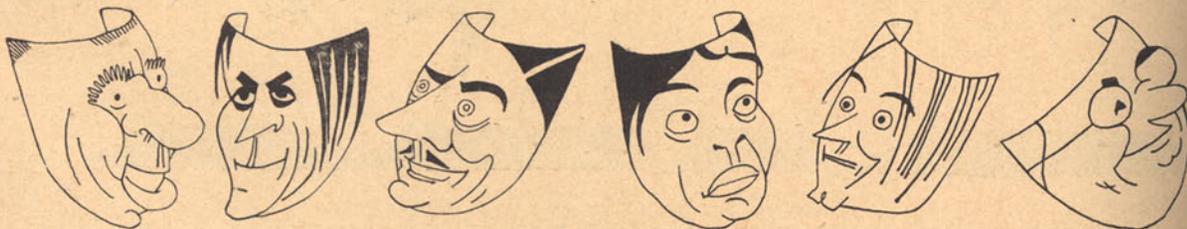
Humildemente, descalcemos o coturno helénico que em você tomou a forma elegante e suave da pérga de seda, e de pés ao leu e Botas na mão, sacrifiquemos aos belos Deuses mortos, como aquele Juliano Imperador *qui nous rassemblait comme un frère...*

Você, ágil e moço, ainda tem como recurso o retorno ao Sátiro do Nietzsche, as dansas bachicas, o tango, o charleston, as correrias joviais através dos bosques orvalhados e pelas ruas da Baixa, onde passam as alegres Satirezas... Mas a mim, velho pagão do Ribatejo e residente no Campo de Sant'Ana onde morou também a tia Patrocínio da «Relíquias», a mim só me restam as insaciáveis cóleras e o ranger dos dentes.

Tôdas as manhãs, da minha janela, virado para o palácio do Eminentíssimo senhor Cardinal Patriarca, meu illustre visinho, eu estendo um punho cerrado e brado com tôda a força dos desesperos profundos:

— Venceste Galileu!

CARLOS AMARO.



UM FRISO DE MÁSCARAS DE *Tarari*: — Joaquim Pratas, João Guerra, Raul de Carvalho, Pedro da Assunção, André Moura e Sebastião Ribeiro, vistos por Tom

DA TERRA DOS PRETOS

O VIOLÃO DOS NEGROS

Desde os tempos gentílicos que a música vem preocupando os povos como a Arte primeira, a mais elevada entre as artes da terra, o que de facto assim é. Todos eles, através das várias gerações, das várias épocas, ainda as mais agitadas, têm demonstrado pela música um certo gosto, um certo amor e carinho, por vezes inextinguíveis. É porque a música é a Arte do encanto, da beleza; é Aquela que nos fala ao coração e à alma, quem nos transmite, por meio de instrumentos, a sua voz melodiosa, a sua voz sonora — aquela voz que inebria e seduz com o seu sotaque plangente, com a sua harmoniosa meiguice.

Ah! a música!... a música!... alegria dos salões doirados, encanto sugestivo dos arraiais do povo, companheira inseparável das vigílias de amor pelas formosas noites

de verão, a-quando pela boca duma viola sobe angélica e pura até ao quarto duma dama enamorada entre endeixas de enlêvo; a música, alma subtil, que sabe rezar como ninguém, que desde a ermida à catedral ergue, em adoração perene, as suas mãos até Deus, num extasi de piedade e doçura; a música, luz aurifulgente que se irradia do orbe ao infinito em fremitos de alegria, tem sido em todos os tempos, e há-de continuar a sê-lo, a sedução de tôdas as almas, de todos os seres. Até o gentio, povo rude e miserável, ama a música, não a deixa afastar um só momento de si — embora a que êle cultiva não seja aquela clássica música de Rossini ou Verdi, mas sim a mais mediana, a mais humilde — o que não quer dizer que tôda ela não seja música.

Mas com o avançar dos tempos a música tem vindo modificando-se, como tôdas as Artes, aperfeiçoando-se, e com ela os instrumentos, que hoje são um sem número deles quer de metal, quer de corda, o que muito tem concorrido para a boa execução — pois já não estamos sujeitos só à lira e à harpa, senhoras dominantes, outrora, dos grandes palácios régios, à voz dos quais se deliciaram tantos Neros e tantos Césares, fizeram deslizar os seus chapins, em salões multicolores, tantas damas ilustres e, também nos tablados, tanta profana mulher. Só na África, entre o preto, é que os instrumentos modernos ainda não deram entrada — não se sabe se por não gostarem da região se dos tocadores...

Prouvera a Deus que assim não fôsse!...

O nosso popular violão, o violão das extúrdias, das boémias, do fado de Malhóa; o nosso violão tão original, tão português, é, nesta terra, por onde Deus Nosso Senhor não quis passar a-quando da sua vinda ao mundo, substituído por uma vara vergada em arco, com um fio muito esticado duma estremidade à outra, meio côco ao fundo duma das partes, metido no fio, depois passam-lhe um preparado como resina e aí está um violão feito. Para tocar pegam nele como se fôsse um violino, e, em lugar de passarem o arco pelas cordas como sucede com êsse instrumento clássico, dão-lhe sucessivas pancadas com um pausito extraíndo-lhe assim vários sons.

Este instrumento gentílico é muito empregado pelos pretos nos batucões e mais folguedos, havendo também gentio que se serve dêle para os descantes amorosos.

Há tempos vimos um preto, homeim espadado e bem formado, que, sentado na orla de uma estrada, se entretinha tocando num desses instrumentos, ao mesmo tempo que cantarolava as suas endeixas. Quedamo-nos para o ouvir e então distinguimos-lhe as seguintes odes:

*Passarinho do mato,
Passarinho do mato;
Vem cá passarinho,
Vem cá passarinho.*

E com um modo sorridente, com êstes versos sem rima ou suavidade, o bom do preto, aquele pobre pária, levava uma vida feliz, não o preocupando o vestuário, pois apenas cobria as suas partes deshonestas com um pedaço de pano que comprou por alguns escudos, talvez, com o produto duns molhos de lenha que colheu em mato baldio.

E é com um instrumento destes que os pretos substituem o nosso português violão — êsse violão segredador das almas dos namorados, companheiro das boémias dos estudantes e do povo, onde se tornou clássico, onde se canta o encanto daquelas suaves noites em que a Lua, envolta no manto diáfano da fantasia, nos ilumina graciosa, meigamente até, no sol bemdito de Portugal.





Acrobacia ou... o suplicio de Tântalo

Conversando com o sr. dr. Paula Nogueira, antigo director da Escola Superior de Medicina Veterinária, depois de ouvir algumas curiosas observações sobre psicologia zoológica, surpreendi-me a apontar vários factos pitorescos sobre a inteligência dos animais.

Empolgado pelas exposições do distinto professor, aí começo eu, inesperadamente, a exhibir uma pomposa erudição sobre o assunto: A certa altura já falava da existência de um Instituto de Psicologia Zoológica e de um Conservatório para ensinar animais na difficillima dita de aparecer e fazer-se applaudir diante do respeitável público.

Onde fóra eu buscar aquelas preciosas indicações?

Depois de muito cogitar recordei, e são essas recordações e algumas indicações ouvidas na conversa com o sr. dr. Paula Nogueira que constituem os materiais desta crónica.

Quando há anos estive em Lisboa o domador de tigres Mr. Frauché, fui apresentado a um velho artista de circo que trabalhava com cães e macacos e que fóra companheiro de famosas aventuras de um notável professor de focas.

Naquelle tempo, quando o conheci, porque os artistas de circo mudam muitas vezes de nome, o professor de cães e de macacos chamava-se Bouveret, afirmando ser este o seu apelido de familia, embora nos cartazes figurasse várias vezes com pseudónimos polacos, romenos ou dinamarqueses.

A vida de Mr. Bouveret fóra em extremo curiosa.

Mr. Bouveret fóra um exímio violinista, um sabedor de astronomia, e nas suas grandes viagens através do mundo desempenhara entre outros estes lugares: Professor de dança, conferencista expositivo de teosofia e chefe dos serviços de cozinha de um grande hotel. Falava de Kant e de Goethe com rara argúcia, e gastara grande parte dos seus haveres em experiências de química.

— E como chegou a professor de cães e de macacos?

— Um violento ataque de neurastenia revelou a minha verdadeira vocação: pesquisar a intelligéncia dos animais. Em 1906 cheguei a desempenhar um bom lugar no Instituto de Psicologia Zoológica...

— Instituto de... Deve ser curioso.

— Muito. O fundador dêsse Instituto, e seu administrador, era Mr. Hachet Souplet. Não faltava ali nada. Aquários, laboratórios, cava-

UMA ENTREVISTA COM UM PROFESSOR DE CÃES

EM QUE SE FALA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA ZOOLOGICA, E DA EXISTENCIA VATORIO DE UM "CONSERVATORIO" PARA ANIMAIS DE CIRCO

lariás, um pombal, um lago, um bosque, tudo com condições apropriadas para se estudar a vida de insectos, peixes, crustáceos, moluscos, passaros, mamíferos, até o diabo transformado em bicho... Até lá havia um escafandro.

— Para que?

— Para observar os peixes sem os retirar do seu meio.

— Devem ser curiosíssimas as experiências... E Mr. Bouveret, numa extraordinária fecundidade de citações e enumeração de factos, passa a contar:

— Há sentidos que os animais possuem de que os homens não podem fazer a minima ideia. Por exemplo: o sentido da humidade...

«Os batráquios, certos animais aquáticos e até alguns terrestres, sentem de que lado o ar é mais húmido à sua volta, e dirigem-se com grande segurança para os lagos e regatos.»

«Um rato de água, com os olhos tapados e desorientado, porque fóra colocado sobre um disco móvel, enquanto o disco rodava conservou-se muito quieto; assim que o disco parou, o rato dirigiu-se numa corrida rectilínea para a água.»

Como Mr. Bouveret era lido em Kant, perguntei:

— Os animais, algum animal, terá a consciência do seu ser físico?

— Eu lhe digo... Há animais que vão muito

além da sensação, entrando nos domínios da intelligéncia. No Instituto de Psicologia Zoológica do naturalista Souplet foi debatida essa questão e fizeram-se interessantes experiências



A galinha e a raposa, ou a negação dum ódio

gic do naturalista Souplet foi debatida essa questão e fizeram-se interessantes experiências



Um bull-dog chauffeurs...



Um urso que é contrário à lei seca

e concluiu-se que alguns animais possuem a consciência do seu... Eu. O meio empregado foi



Cão e leão, ou um par extravagante

o espelho. Ocupa-neste caso o primeiro lugar o macaco. Além de reconhecer a sua imagem no espelho, sabe utilizá-lo para minuciosos exames sobre as partes menos visíveis, para fies, do seu corpo, como seja, por exemplo, o rabo. Além disso gostam de inspecionar ao espelho os dentes e o fundo da garganta. Um rato branco, também diante de um espelho, inspeciona a lingua. Com os papagaios e com uma garça real observou-se a consciência do seu ser físico de um modo mais decisivo. Vendo, no espelho, que tinham o bico ou a asa sujos, rapidamente começavam a limpar-se, não com o bico ou a asa de encontro ao espelho, mas voltando-se sobre si próprios.

A propósito de uma outra pergunta, Mr. Bouveret diz-me que os peixes, os reptis e os batráquios parece que não distinguem as cores, aparte o verde, o amarelo e o vermelho. Os mamíferos de todas as categorias, êsses, conhecem tôdas as cores do prisma.

Daí de beber, durante alguns dias, a um gato num copo pintado de encarnado. Passados dias colocai vários copos semelhantes na forma mas pintados com cores diferentes. O gato dirige-se imediatamente para o copo pintado a vermelho.

— E sobre associação de ideias?

— É muito curiosa a differença entre as diversas espécies. No Instituto de Psicologia Zoológica fizeram-se algumas experiências para forçar peixes, reptis e mamíferos a abrir portinholas para procurar o seu sustento. As aves são duma extraordinária perspicácia. Numa das experiências conseguimos fazer uma bela fotografia: uma cegonha puxando o cordão de uma porta para procurar a comida.

— Qual o animal que dá melhores provas de intelligéncia?

— O cavallo é extraordinário. Havia no Instituto um poney russo que com uma raquete presa no focinho jogava a bola, recebendo-a e enviando-a dum modo admirável.

Nesta altura contámos a Mr. Bouveret as fa-

D. Afonso e as proezas de um cavallo do avô do distinto desenhador Tom. D. Tomás de Melo, que comia peixe frito, bebia vinho, como o grande boémio, e descia as escadilhas da Mãe de Água.



Um gato que não recia a pitacone...

— Não se poderia estabelecer uma escala de intelligéncia dos animais?

— Talvez! Figurando em primeiro lugar o macaco, o cão de água e o elefante indiano. O segundo grupo, compreende: o urso, o leão, o tigre, o gato e a lontra. No terceiro grupo pode figurar: o castor e o coelho bravo, e por último, o papagaio, o cavallo, o burro, o camelo e a cabra.

— Depois desta interessante exposição sobre a intelligéncia dos animais, compreende-se que



Mestre Simião operador de cinema... mudo

êles se apresentem em público como artistas...

Mr. Bouveret ri muito da minha observação e eu disparo, «blagueando»:

— ...ora como há um Instituto de... *Orientação Profissional da Bicharia*, não haverá, por consequência um... Conservatório? Sim! Porque os animais de circo fatalmente hão-de tirar o seu curso numa escola de arte de representar. Não é certo que já temos admirado companhias de comédia em que os cães e os macacos são comparsas? Creio que foi por ocasião do Cente-

nário da Índia que apareceu em Lisboa um homem que dava como espectáculo um bailado de pulgas amestradas e vestidas de bailarinas...

— Se julga que está brincando, engana-se, responde muito grave Mr. Bouveret.

— Como? Pois há então um «Conservatório» para animais? Mas é assombroso!

Então vi Mr. Bouveret em toda a plenitude do seu gênio. Os olhos iluminam-se, e eis que aparece o professor de cães e macacos dando também uma lição a um jornalista:

— Há classes de dança, pantomima, ginástica, acrobacia, «jonglerie», para animais. E como deve supor, são destes cursos verdadeiros «virtuosos».

«Dirigi um desses cursos, instalado num faubourg de Paris, próximo das fortificações.

«A maior parte dos artistas de circo que trazem animais compram-nos já ensinados nestas classes...

— Com o curso artístico completo...

— E não há só a preparação para os circos... O ensino de cavalos e cães para particulares é um dos grandes recursos financeiros desse...

— Conservatório!...

— Como se obtêm os tais prodigiosos efeitos de números de circo com os animais?

— De um modo geral são o método e a comida os dois agentes da instrução.

«Os mais fáceis de educar são os macacos. São uns discípulos excelentes. Basta o professor explicar-lhes o que deseja, com gestos. Imitadores perfeitos, eles reproduzem tudo o que se queira. Em todo o caso o professor não dispensa luvas e máscara de esgrima.

— Qual é o animal mais sensível à comida?

— É o gato!

— Mas além da ameaça e da promessa da comida, deve haver um segredo primacial para obter dos animais os prodígios que tanto admiramos...

— Certamente.

Mr. Bouveret não me revela o segredo profissional. Dá-me contudo a *chave*, mostrando-me

mais uma vez que é um habilíssimo psicólogo.

— A *chave* é conhecer o carácter dos animais que se pretendem educar.

«O cão deixa-se dominar com a doçura e boas palavras. O burro, menos sentimental, é levado pelo medo do chicote. Quanto às aves, só se tira



Gato e mono ou... amigos de infância

delas alguma coisa com um punhado de grãos.

— E os macacos?

— fisses exigem do professor uma severidade, uma compostura de verdadeiro sábio quando nos impinge uma conferência maçadora.

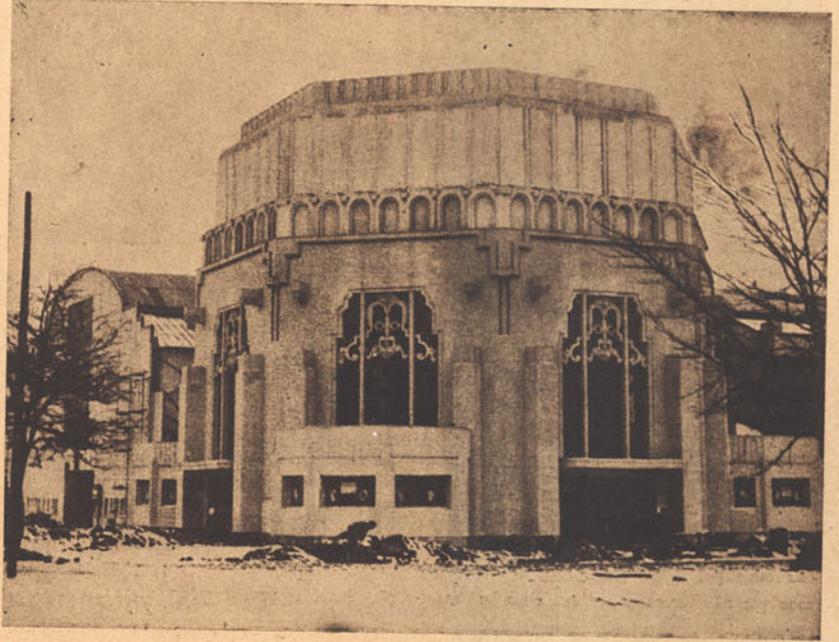
EDUARDO FRIAS.



Um cosinheiro de má catadura e um guloso... atrapalhado

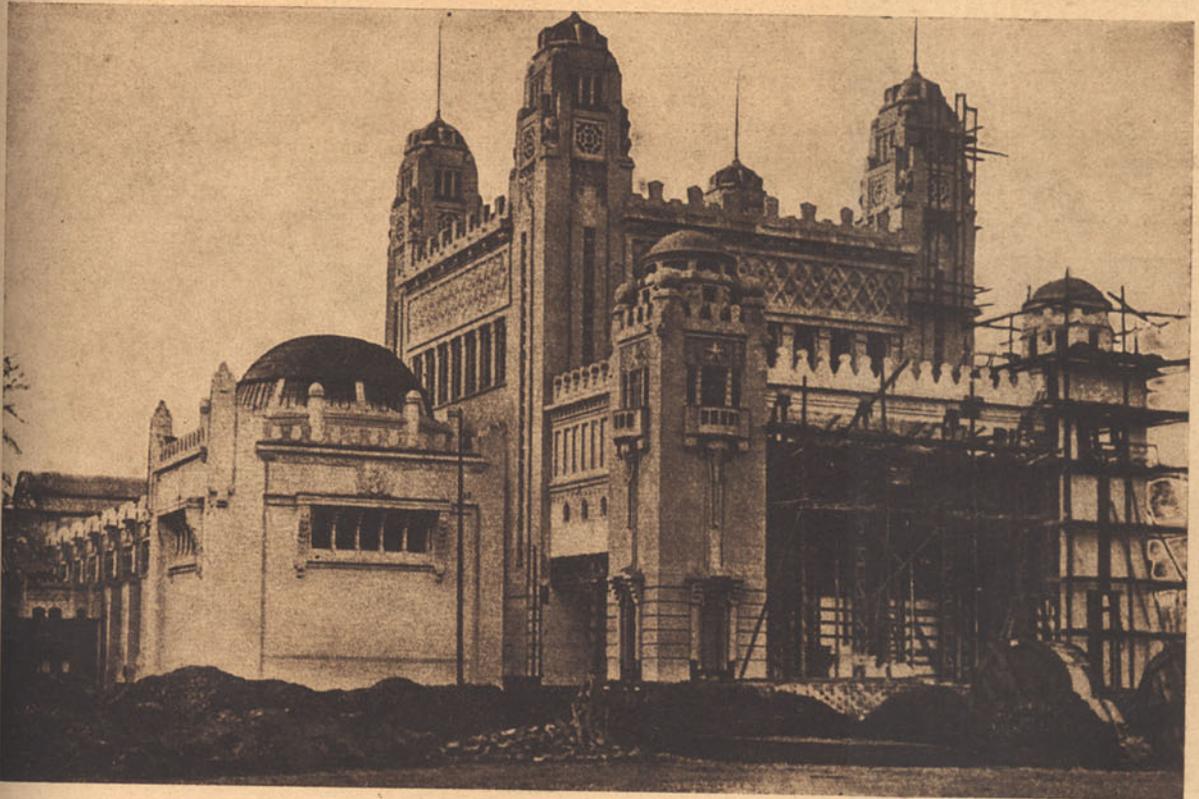
A EXPOSIÇÃO DE ANTUÉRPIA

Creemos que, em Portugal, raras são as pessoas capazes de vislumbrar a grandiosidade e a beleza da Exposição de Antuérpia. O público supõe que ela vai ser, como a maior parte das réclamadas exposições e feiras internacionais, um banal certame de produtos conhecidos, apresentados em edifícios de cartão pintado, rodeados de mastros com bandeirinhas e de outros apetrechos de arraial. Desenganemos o respeitável... Na Exposição de Antuérpia não há barracas, nem scenografia, nem coisas improvisadas, nem a mais ligeira nódoa de pelintrice. As portas da grande metrópole comercial belga, tem-se erguido, pouco a pouco, uma cidade imponente, com todos os adiantamentos da moderna e ousada arquitectura urbana — avenidas, jardins, lagos, fontes monumentais, parques de atracções, palácios para exposições de arte, tudo quanto pode encantar os olhos dos turistas, patentear o bom gosto dos architectos deste país e pôr em destaque a expansiva iniciativa, o espírito de organização admirável dos seus homens públicos.

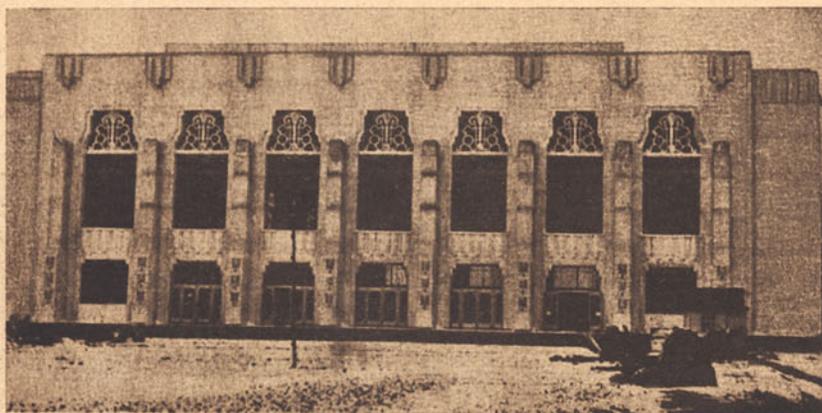


Uma parte dos pavilhões da secção belga

Quando a exposição estiver aberta e animada pelo público que, por certo, a vai frequentar em catadupas, tentaremos dar aos leitores, na nossa prosa insuficientemente comunicativa, a visão panorâmica dessa ma-ravilha. Agora queremos, apenas, deixá-los



O formosíssimo pavilhão do Congo Belga



Fachada do futuro palácio de festas

antever uma parte do que os belgas prepararam, de belo e imponente, para extasiar os estrangeiros que acorrerem a Antuérpia durante o período festivo desse inextinguível certame. O conde Adrien van der Burch, comissário geral do governo belga, fez há dias, aos jornalistas, a narrativa, empolgante e minuciosa, do que será a Exposição. Não cabe no âmbito desta revista a reprodução integral das suas palavras, que foram entusiásticas mas que não tiveram, a diminuir a sua sedução, a mais ligeira mácula de *chauvinisme*. Comquanto a tarefa seja difícil, vamos diligenciar oferecer aos leitores, como uma primícia, a sinopse das amplas e impressivas informações transmitidas à imprensa pelo conde Adrien van der Burch.

O carácter da Exposição é principalmente colonial e marítimo. Fora destes dois ramos e porque o governo belga reconhece a importância crescente da agricultura e da horticul-tura na economia do país e do mundo inteiro, o mesmo governo concedeu o seu

patronato oficial a uma secção agrícola e hortícola, que dispõe de *halls* extensos. Aí serão instalados: um grupo de associações e cooperativas, um grupo de ensino agrícola e hortícola, um grupo de materiais de arroteamento, etc., etc.

A exposição apresentará um aspecto magnífico, incomparável, porque a sua instalação é feita num terreno maravilhosamente arborizado, cercado de regatos artificiais, que deslizam nos fossos das antigas fortificações. Para que o recinto da Exposição tivesse a amplitude e a imponência necessárias, o município de Antuérpia adquiriu vários edificios particulares magníficos, entre eles a bela casa de campo dos bispos de Anvers, que data do século XVI. E, para que se possa formar uma ideia da importância desta, bastará dizer que a superfície que ela ocupa excede 50 hectares.

Deram a sua adesão à Exposição vinte e oito países, a saber: a Algéria, o Brasil, o Chile, a Colombia, as colónias britânicas,

Costa Rica, a Dinamarca, o Equador, a França, a Finlândia, a Inglaterra, as Índias neerlandesas, a Itália, o Japão, a Letónia, a Lituânia, Marrocos, a Noruega, a Nova Caledónia, a Holanda, o Perú, a Pérsia, a Polónia, a Suécia, a Tunísia, o Uruguai e Portugal.

É, evidentemente, impossível mencionar as particularidades que distinguem cada uma destas preciosas contribuições. Limitar-nos-hemos a assinalar que a Inglaterra construiu um edificio imenso, no estilo clássico dos monumentos ingleses, como o British Museum. Esse edificio encontra-se, bem em vista, numa das saliências das fortificações e dominará a Exposição. O município construiu duas grandes pontes, não provisórias mas definitivas, neste ponto, que será transformado, depois da Exposição, em Jardim Botânico.

O pavilhão da Itália cobre 2.000 metros quadrados e o da Holanda, que primitivamente devia ocupar apenas 2.500 metros quadrados, será o mais importante. A sua superfície estende-se actualmente sobre 14.000 metros. Os holandeses buscam principalmente pôr em relêvo o seu valor marítimo. No seu pavilhão figurará, em lugar de honra, a famosa *maquette* Waterweg (o canal de Amsterdam ao mar), que tem cem metros de comprimento. Este pavilhão será rodeado de taboleiros de jardim adornados por uma maravilhosa floração de tulipas.

A França reservou para ela 15.000 metros quadrados, e a cidade de Paris, em testemunho de simpatia pela cidade de Anvers, tem um pavilhão especial. O Brasil dispõe de 6.000 metros, nos quais se ergue um edificio cuja entrada comporta uma fonte luminosa e cujas salas têm como *lambris* madeiras preciosas. A Finlândia abriga as suas colecções num pavilhão desmontável. Portugal, na



Vista de conjunto do pitoresco bairro

medida das suas actuais possibilidades financeiras, tem um pavilhão que, se não é monumental, é decente, e onde as provas do nosso contínuo e heróico esforço colonial serão dignamente exibidas. A Suécia dispõe de um dos pavilhões de honra, no ângulo dos grandes halls da Bélgica.

A participação da Bélgica é brilhantíssima, como é natural. Basta, para o provar, lembrar que ela ocupou na Exposição de Bruxelas, de 1910, 55.000 metros quadrados, e que agora, nesta exposição especializada, ocupa 72.000. Nêsse espaço enorme elevam-se halls metálicos de uma grande imponência, nos quais a disposição dos tectos permitiu a supressão dos *velums* que desfeiam os edificios dêste género e são causas frequentes de incêndios. A apresentação reveste a máxima elegância. Os tabiques foram suprimidos a fim de poupar os efeitos de perspectiva. Dois dos halls têm, cada um, uma superfície de 20.000 metros quadrados e, entre êles, está o que pertence ao Congo e que ocupa 7.000 metros. O projecto dêste pertence ao architecto Callewaert, um dos mais notáveis da Bélgica, e a decoração escultural da fachada é obra do falecido e célebre artista Maseré.

Neste pavilhão agrupar-se-hão tôdas as provas da actividade oficial belga no Congo, desde a justiça até ao ensino, trabalho, vias de navegação, campos experimentais, obras das missões católicas e protestantes, etc. As sociedades mineiras dispõem, nêste pavilhão, de 6.500 metros quadrados, e apresentam nêle, de uma forma muito sugestiva, as provas da sua actividade expressa em dioramas, reduções de máquinas em movimento, etc. Os diamantistas de Anvers reconstituem as fases da cravação e da lavra das pedras que são, por fim mostradas, devidamente montadas, no salão de honra. Poder-se há vêr também



Fachada do enorme Palácio do Centenário

ali a figuração dos meios de locomoção usados no Congo, tanto pelo caminho de ferro como pelo avião. Em outro hall, observar-se-hão os progressos da indústria privada nos domínios da agricultura e da criação de gados. Uma das secções comporta tudo quanto a Bélgica pode exportar para as colónias.

No importante stand da indústria mobiliária encontra-se o salão de honra da secção belga que é a reconstituição fiel do grande salão de recepção do palácio que o govêrno se prepara para edificar, para residência do governador do Congo, em Kinshasa, segundo o interessante projecto do architecto Moenaert. Este salão de honra é precedido de um pátio, cercado de belas colunatas e pavimentado com ricos mosaicos fabricados por alguns dos expositores do grupo de cerâmica. A volta do pátio estão agrupados os expositores que se dedicam à indústria de mobiliário e cujas criações se inspiram nos princípios que regeram a Exposição de Artes Decorativas de 1925. As indústrias da música, dos produtos alimentares, da mecânica e da electricidade, encontram-se ali igualmente.

Sob o ponto de vista colonial esta exhibição constituirá uma demonstração, eloquente e completa, da actividade dos belgas em África.

Sobre o local de honra da Exposição — a Praça do Centenário, — precedida de um arco de triunfo monumental, com três entradas, elevar-se há a estátua eqüestre dos três reis que teve até agora a Bélgica e vêr-se-hão os halls que abrigam os stands belgas do automobilismo, da marinha, dos trabalhos públicos, da agricultura e, também, o pavilhão da cidade de Anvers, que dará um aspectó decisivo do desenvolvimento do pôrto, por meio de *maquettes* em grande escala. Sobre esta praça encontra-se, ainda, o Palácio de Festas, com uma grande sala que pode conter 2.500 pessoas e onde se realizará, em 26 de Abril, a cerimónia oficial da inauguração.

A exposição será completada por uma retrospectiva da antiga arte flamenga, que será feita na magnífica igreja, construída pelo grande artista Smolderen, architecto em chefe da Exposição. Esse edificio é o mais



da «Vieille Belgique» (em construção)

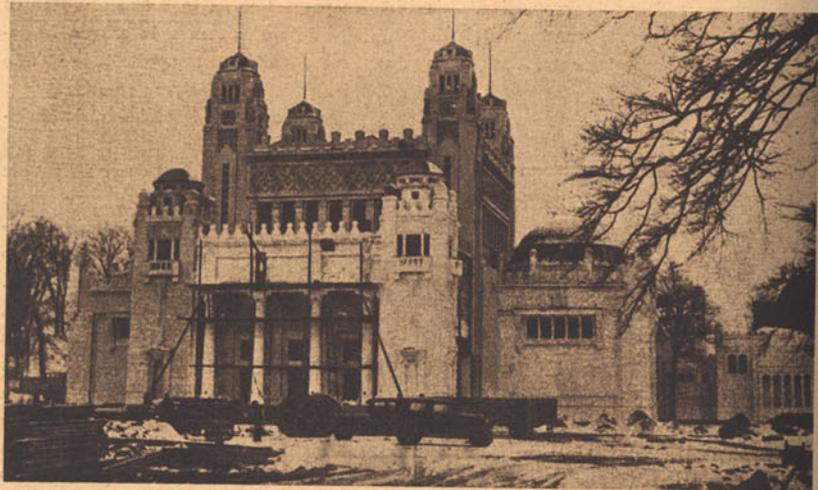


Vista de conjunto do palácio da Secção Italiana

belo monumento religioso concebido e executado nos últimos duzentos anos.

A exposição de arte antiga flamenga agrupará, além de quadros e tapeçarias, móveis antigos, livros, gravuras e trabalhos de ourivesaria. Foi obtido para ela o concurso dos museus e dos colecionadores estrangeiros. Para que os leitores calculem o valor dos objectos que vão ser expostos, basta dizer-lhes que estão seguros já em 600 milhões de francos, isto é, 360.000 contos da nossa moeda. Esta demonstração será completada pela audição de obras dos velhos compositores flamengos, muitos dos quais não foram até agora interpretados.

É claro que, no programa geral da exposição, está compreendida a organização de grandes congressos e conferências, no decurso dos quais várias personalidades internacionais usarão da palavra sobre assuntos ligados às questões coloniais, marítimas e artísticas.



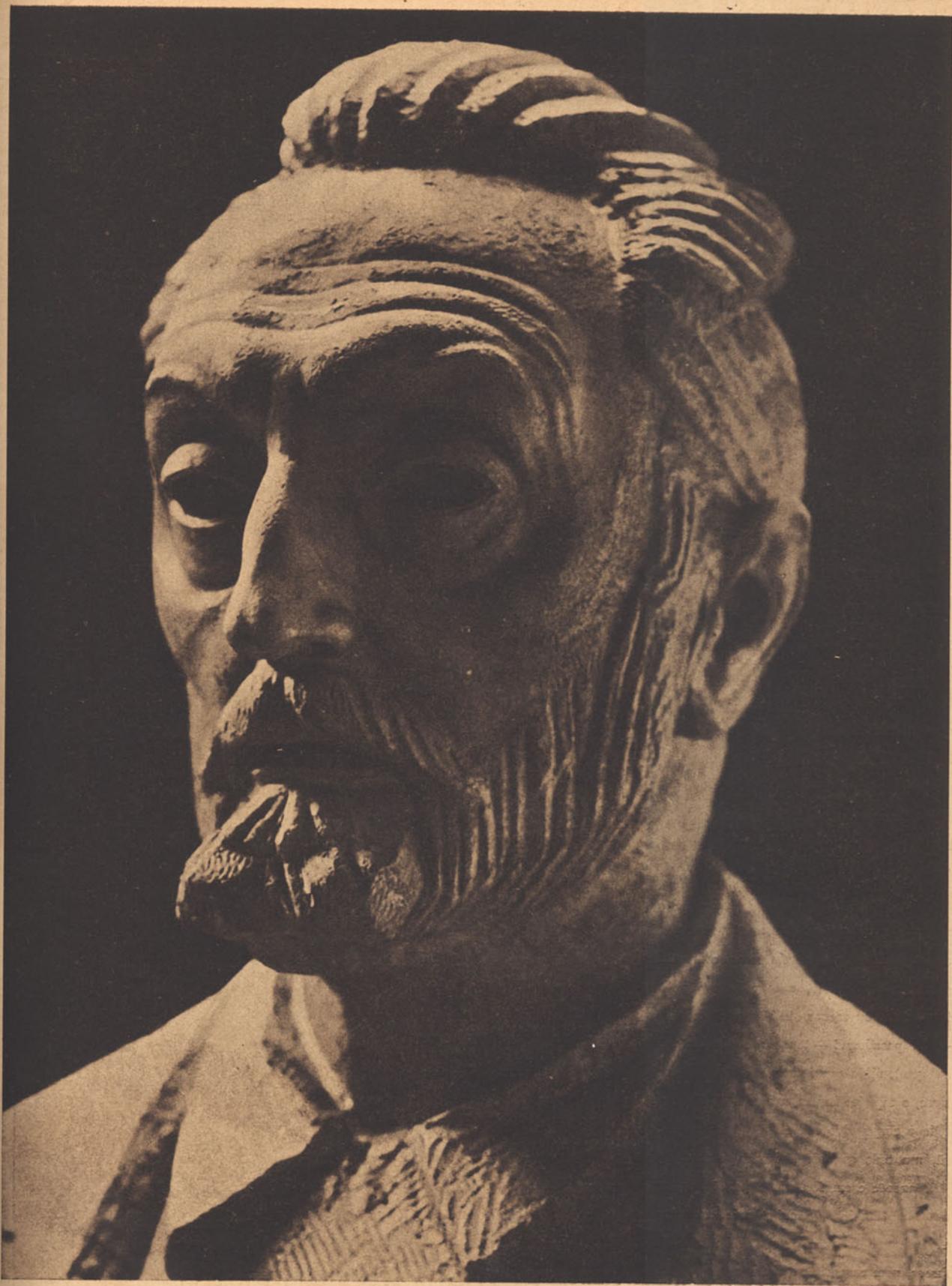
O pavilhão colonial da secção belga

Haverá, também, um parque de atracções e um bairro de «Vieille Belgique», edificado qual se consumirão, em cada hora, 25.000 metros cúbicos de água!

VÍTOR FALCÃO.



O pitoresco aspecto das fachadas num recanto da «Vieille Belgique»



UNAMUNO POR VICTORIO MACHO

É duma vibrante actualidade este magnífico busto de D. Miguel de Unamuno, feito pelo grande escultor espanhol Victorio Macho, cuja obra mais representativa é já conhecida dos leitores desta revista, onde foi reproduzida. O artista foi propositadamente a Hendaya, ainda o mestre estava desterrado, para executar esta obra. Vista a tragédia no seu próprio campo — no campo da ausência — e poucos ainda sentiram como Unamuno a tragédia do desterro, Macho soube interpretá-la com toda a sua grandiosidade emotiva. Quási com magnificência emotiva, porque a emoção também tem as suas galas, e foi com galas de emoção que o artista perpetuou, em matéria nobre, a nobre máscara ibérica do insigne escritor.

A serenidade escultórica, ao sentido arquitectural e hierático que Victorino Macho vem acentuando progressivamente através da sua produção, aliam-se detalhes de modelagem, pulsações subteis, surpresas só reveladas a uma visão aguda e penetrante: — a sondagem do espírito pela tatuagem da forma. E este o processo invariavelmente seguido pelos arquétipos da Arte, e, em termos tais que, se o génio artístico é virtude nativa, sempre se revela por este sistema em expressões de beleza eterna. Poetas, escultores e pintores; músicos até. Foi assim que Macho exprimiu, em cálida dição, toda essa chama maravilhosa de fecundidade e amor que é a alma do seu retratado. Para captar a dor íntima, em toda a sua expansão, não lhe foi preciso quebrar normas exteriores. Observou fielmente a dignidade do officio. E, dentro da dignidade do officio, sentiu a tragédia profunda. O vaso helénico tomou forma renascentista, e recolheu a essência da terra — contemplação e luta — com alguns sedimentos da antiga imaginária castelhana. De tudo há neste busto de Unamuno executado por Victorio Macho.

NOVAIS TEIXEIRA.



Juan José de Orta

Vêm aqui a propósito umas belas palavras de Miguel de Unamuno, que são uma síntese luminosa de patriotismo, no que o patriotismo tem de perdurável e histórico, o único que merece ser servido e respeitado, e ainda hoje tão incompreendido como o alto espírito que o proclama e vive ao longo duma obra superior, pelo cretinismo patricieiro de muitos desnaturados, que tudo desvirtuam e confundem.

Cabotinos exemplares e medularmente incapazes, que trocam o essencial pelo acessório, vemo-los rugir, a cada passo, como energúmenos em delírio, ante o flamejar dum trapo mais ou menos simbólico, e perseguir, — oh, paradoxo! — tenazes e virulentos, a sua pretendida representação: a inteligência livre, o espírito franco, a sensibilidade clara, todo o corpo vivo e a alma viva duma raça sã, um todo sagrado e eterno, o seu génio perenne e em fecunda expansão, imorrechoiro e transido de substância criadora e evolutiva, a própria pátria enfim, sem disfarces, nem carantonhas, nem torpes desvios, sem múmias que a infectem e trilhem, nem tormentos que a flagelem ou cilícios que a torturem e desfigurem, erguida — generosa, límpida e fértil de amor humano — à altura

A MODERNA PINTURA ESPANHOLA

JUAN JOSÉ DE ORTA

PINTOR SEVILHANO,
DESCENDENTE DE PORTUGUESES

dos olhos de Deus, que assim a criou à sua imagem e semelhança.

Diz-nos o autor insigne de *La Vida de D. Quijote y Sancho*: — «*La tierra es en gran parte obra del hombre, obra este a su vez de la tierra. Y así, posesionandose de veras de su matriz, es como el hombre se hace dueño de si mismo.*»

É como Juan José de Orta, fruto da gesta sevillhana, se fêz pintor: apossando-se da

matriz da sua terra e fazendo-se dono de si mesmo. Andam, em íntima transfusão, na tonalidade geral das suas tintas, essas grandes massas oliváceas, que formam os cantos da terra bética, a sua terra mater, massas verdes listradas de prata, cobre e bronze, de infinitos matizes subtis, transpirando seiva de fresca coloração quando pressentem o sol, maceradas de profundo dramatismo quando o sol morre, expelindo jorros de infi-

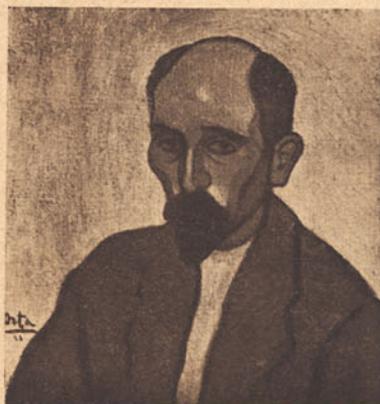


Cabeça de Ela



Natureza Morta

Sob o olhar de ensimesmamento, fundo e abismado, destas caras antigas, há harmonias trágicas de *cante-jondo*, certas notas sensuais e hieráticas de estirpe oriental. Emana delas um forte sabor de raça errante, prestígio de velha casta sofredora e estoica, que observa, com fidelidade inexpugnável, todos os imperativos atávicos. Não lhes faltam também um pouco de fatalismo boémio e uns vagos indícios de superstição cigana.



Retrato de homem

nita luz com o sol a prumo. É assim o exterior, a epiderme, da obra do jovem artista: verdes, brancos e roxos.

Caminheemos agora pelas tintas dentro e procuremos devassar-lhe o espírito. Oiçamos este canto triste do príncipe árabe Meruán b. Abderrahmán, chamado *El Talic*, «o anistiado» (+ 1009):

«O meu calaboiço é negro e lóbrego como a noite; escuro nos contornos, mas todo tenebroso no centro.

E negro como é dentro, as brancas flores rodeiam-no por fora, tal como a tinta que está encerrada num tinteiro de marfim.»

Reparemos neste pintor, da mesma raça árabe do príncipe poeta: um halo de suave conformidade emoldura as suas figuras estranhas e um pouco lúgubres. Cárcere rodeado de rosas, todo o símbolo maravilhoso duma raça messiânica. Não foi também do moiro que nós, portugueses, trouxemos o nosso messianismo? E não foi no moiro também que nós, portugueses, enterrámos para sempre as rosas desta saúde nossa que agora guardamos na alma como a tinta que está encerrada num tinteiro de marfim?

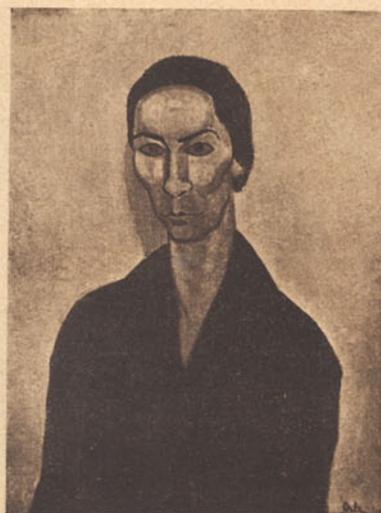
Eu não sei porque estas figuras de Orta, falhas provavelmente de recursos técnicos, me sugestionam tanto. Não haverá nelas um certo malefício de fado doentio e arrastado? Oh, quem pudesse deixar de gostar do fado!...

E uma atraente elegância monorrítmica, quasi uma imobilidade milenária de ídolo budista.

Juan José de Orta é descendente directo de portugueses. E não é em vão que se descende de Portugal. A sua obra denuncia-lhe a origem, e denuncia-lha, quanto a mim, na extrema facilidade com que as suas figuras se fundem nas gamas íntimas dos seus fundos,



O Beduíno



Cabeça estranha

transunto da paisagem andaluza como já fiz notar, fusão de terra e carne que é toda a génese da nossa sensibilidade artística — do nosso génio poético, especialmente — desde os quadros ignorados do nosso *folk-lore* até às canções dos nossos grandes poetas — paisagem feita carne, sim, humanizada, diluída na alma do homem.

Não há na obra do andaluz Orta um só respingo de mau gosto que lembre a Andaluzia falsa do sainete. Nem erotismos de Semana Santa, nem policromias de feira sevilhana. Tudo suave, lírico, vagamente sensual. Andam-lhe no ouvido os acordes de Manuel de Falla. Nada que recorde a paleta fácil desses famosos coloristas de leques, pandeiretas e caixas de uva de passa que são os irmãos Quintero. Pintura de dentro para fora, mais segura no manejo das tintas do que no conhecimento do lápis, ainda incipiente na sua técnica imperfeita e ingénua, mas com raras qualidades de sinceridade e força interior, que colocam o moço artista como um caso único dentro da moderna pintura espanhola. Se quisermos encontrar-lhe parentesco, temos que lançar mão de Fabian de Castro, o célebre pintor cigano que todo o Paris conhece, e com quem o nosso artista tem alguma afinidade. Serão virtudes duma raça comum? É provável...



O quadro de Mestre José Malhoa — «Palcio», de vigorosa e sã técnica

Com abundância de expositores conhecidos e desconhecidos e a ausência dificilmente admissível de alguns grandes valores da gera-

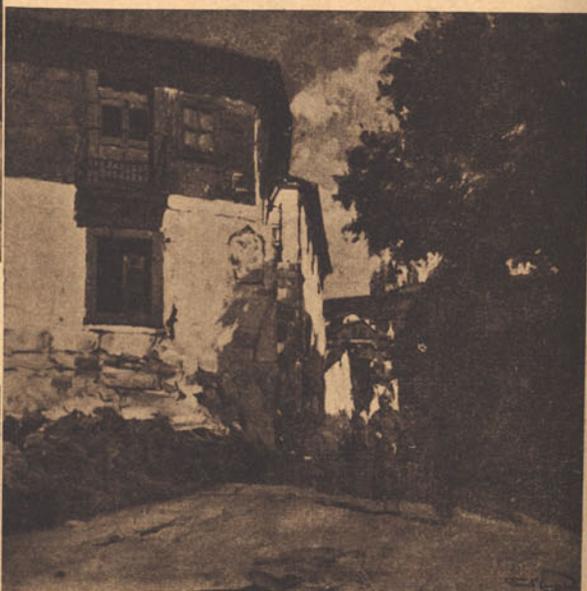


EM CIMA: — «Ultimos feirantes» (Arcos de Val-de-Vez), quadro de Fausto Gonçalves, premiado pelo júri

EM BAIXO: — «Abstracção», estudo a óleo de Varela Aldemira, muito notado e elogiado



A PINTURA PORTUGUESA NO SALÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



Um belo quadro do pintor coimbrão Fausto Gonçalves
«Trecho duma rua de Vizeu»

ção moderna, como António Soares, Eduardo Viana, Almada Negreiros, etc., abriu a Exposição anual da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Muitas coisas más, algumas razoáveis, raras que satisfizessem. Reproduzimos nesta página quadros de Mestre Malhoa, o único verdadeiramente grande ainda, dos que se afirmaram na sua época,



«A caminho de casa», quadro de José Veloso Salgado, membro do júri

de Veloso Salgado, de Varela Aldemira e Fausto Gonçalves, dois pintores novos que tem criado o seu público. Um precalço nos impede de reproduzir quadros de valor de Lino António, Mário Augusto, Tagarro e outros, que marcam exuberantemente entre a mediania do conjunto.

UM DRAMA EM UMA SOCIEDADE DE RECREIO.

GRUPO DRAMÁTICO E MUSICAL FRATERNALIS AMIGOS — ESTEVES, MULHER E FILHA — A INGENUA, O ENSAIADOR, O GALA E O PONTO — SESSÃO SOLENE E CONCERTO DA SOCIEDADE FILARMÓNICA INCRÍVEL 28 DE MARÇO DE 1776 — EUGÉNIA PIANISTA E O DRAMA «OS BANDIDOS DA PATAGÓNIA» — O DRAMA DA FAMÍLIA ESTEVES...

Quando o sr. Esteves, honrado comerciante da nossa praça, obesidade apertada no negro fato de cerimónia, acompanhado da consorte, Dona Miquelina, ainda fresca e ágil a despeito dos quarenta bem contados, e de Alicinha, a filha única e amimada, magrinha, braços delgados e friorentos, pendentes do vestido azul decotado, peito raso, pernas quebradiças como hastes de arbusto, entrou a passo lento e grave no salão de festas do Grupo Dramático e Musical Fraternalis Amigos, não encontrou vitalma.

Eram oito e meia horas da noite e a récita estava marcada para as nove. O sr. Esteves, que nesse dia de folga, não abrisse o seu estabelecimento de viveres a retalho, dedicara esse esplendoroso domingo de Primavera ao Grupo de que era um dos mais considerados sócios havia três anos. Criara amor «àquilo». A pequena, a Alice, já completara desasete anos, um pouco linfáticos, mas enfim, anos, e começava a olhar para a sombra. Estava na idade própria, e o sr. Esteves, carrancudo na aparência, alegre e alvoçoado no íntimo,

seguia de olho sorna e facilitava, discreto, os namoritos da rapariga. As vezes, poderia calhar um rapaz sério embeigar, e êle, fingindo-se instado, não se oporia... Estas coisas compreendem-se...

Chegara nessa noite com meia hora de antecedência para arranjar bom lugar e fugir aos apertões. Já estivera de tarde no Grupo Dramático e Musical Fraternalis Amigos, mas sôsinho (as mulheres não percebem de retórica), assistindo à sessão solene do vigésimo oitavo aniversário da famosa instituição recreativa. Gostava de ouvir discursar. Ficava com aquele fraco desde os tempos da propaganda...

A sessão estivera boa, decorreria entusiástica. Proferiram-se discursos admiráveis e o dr. Fontes, figura respeitável de ancião barbudo, especialmente convidado para abrihantar com a sua eloquência aquela solenidade, soubera definir e exaltar «a missão sacrosanta das academias recreativas, que unem os seus sócios em um familiar amplexo e desviam a mocidade da taberna e

outros antros do vício.» No bufete, terminada a sessão, que se encerrou com um esmagador concerto de metais da Sociedade Filarmónica Incrível 28 de Março de 1776, as palavras do orador foram muito apreciadas e, aos impulsos de ensinamentos que elas continham, alguns estimados consócios levaram ao infinito o número de brindes, empunhando copos de tinto importado directamente do lavrador. Bom vinho!...

O Esteves e as damas que o acompanha-



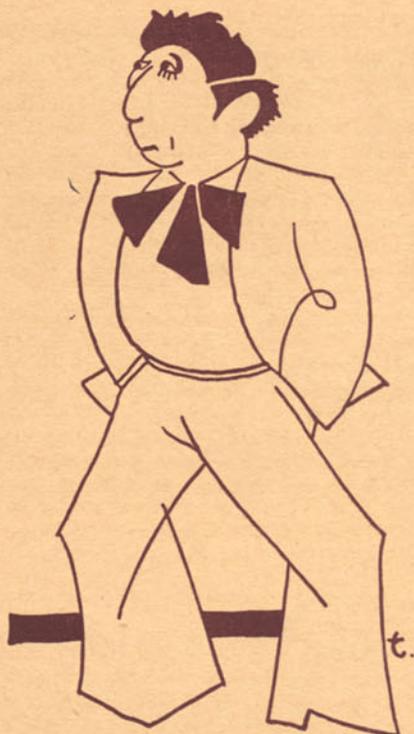
vam, com licença do bilhete, que recomendava traje de passeio para um cavalheiro e duas senhoras, escolheram meticulosamente os assentos, perto do palco, acomodaram-se e esperaram. Por detrás do pano de boca, que representava um palácio imponente de grandes colunatas de mármore sob um horizonte azul sulcado por um anjo grande e semi-nu, asas abertas, soprando uma longa trombeta da fama, ouvia-se martelar e arrastar objectos pesados. Representava-se nessa noite um drama de grande êxito da autoria do talentoso dramaturgo e consócio Alfredo Lobo, intitulado *Os bandidos da Patagónia*.

Decorreram dez minutos, cujo silêncio era apenas interrompido pelo martelar abafado nos bastidores, quando se ouviram, de súbito, vozes conversando alto e enfáticas gargalhadas de mulher. Esteves, mulher e filha voltaram as cabeças, quasi assustados, e observaram o rancho que chegava: o Peixoto, ensaiador e contra-regra, quarentão alegre para quem a mocidade não tinha fim, Ofélia, que ia fazer nessa noite o papel de ingénua, e o Marques, mestre de sala, espalmado como um bálchau dentro de uma casaca veneranda.

Entraram ruidosos, saudaram em alta grita a família Esteves, atravessaram o salão, batendo os tacões, acordando ecos adormecidos e desapareceram por uma porta baixa que dava para o interior do palco.

Pouco a pouco, a sala foi-se animando; dispersos pela platéa iam-se acomodando espectadores pacatos, uns, tagarelas, outros. As nove horas entrou Dona Eugénia, a pianista, obesa e ofegante, a compôr com a mão sapuda a cabeleira grizalha cortada à gargone. A sua passagem cumprimentavam-na com simpatia, e ela, com risco de desmanchar a ondulação Marcel, correspondia para





a direita e para a esquerda, sacudindo afec-tuosamente a cabeça.

As nove e meia o salão estava à cunha e tudo a postos para principiar o drama, mas como Alfredo Lobo, o autor, ainda não chegara, por deferência, aguardava-se mais um bocadinho — bocadinho que Dona Eugénia preenchia espancando no velho piano, débil e gemebundo, violentos foxs americanos.

Nove e três quartos — e Alfredo sem vir. Ter-lhe-hia dado alguma coisa? Os membros da Direcção do Grupo Dramático e Musical, etc., etc., apuravam o ouvido. Mas não ouviam passos de cavalo, nem ruído de automóvel... Alfredo tardava.

Dez horas certas — e Alfredo sem vir. O Melo, o ponto, que é miope, assomou a cabeça fora da caixa, torceu-se todo piscando os olhos e gritou, apoplético:

— Então, isto vai, ou quê?!...

Gargalhada geral, e o Melo, mais vermelho do que um pendão de revolta, recolheu, resmungando, à sua toca.

Soaram, por fim, lá dentro, inúmeras pancadas de Molière. O pano começou a subir lentamente. Foram desaparecendo no cimo, primeiro, o céu azul sem mancha, depois, o anjo da trombeta, em seguida, o palácio monumental e, por fim, uns tufos de verdura que ficaram espreitando junto do teto. E ao mesmo tempo, em baixo, foram aparecendo, pouco a pouco, primeiro algumas botas velhas, depois polainas de couro, depois ainda coxas de homens em calças castanhas e, sucessivamente, blusas de cow-boy, grandes lenços vermelhos em pescoços, chapéus desabados ensombrando rostos de malfeitores, tudo recortado num pedaço de paisagem de lona, representando uma floresta virgem. Estávamos em presença dos bandidos da Patagónia.

Entre os bandidos, de carabina a tiracolo, que agitavam muito os braços e davam passadas coléricas no sobrado frágil para que o público avaliasse de sua ferocidade, encontrava-se uma jóvem linda, desgrenhada,

mãos postas, joelhos em terra e olhos em alvo.

Uma voz forte de homem exclamou:

— Senhores, senhores! Tende piedade de mim!...

E logo a jóvem desgrenhada repetiu:

— Senhores, senhores! Tende piedade de mim!...

Mais forte e colérica, a mesma voz de homem tornou:

— Sou uma virgem inocente! Tenho um noivo!

E ela, a pobresinha, contorcendo-se desesperada:

— Sou uma virgem inocente! Tenho um noivo!

E o patife do homem oculto, o ponto, acudia:

— A partir dêste momento pertences ao nosso chefe, o rei dos bandidos da Patagónia!

Um barbudo ergueu um braço, lá da esquerda alta, e proferiu ameaçador:

— A partir dêste momento pertences ao nosso chefe, o rei dos bandidos da Patagónia!

Alice Esteves estremeceu, não se sabe, se de frio se de medo, o pai tornou mais carrancuda a face gôrda dos bandidos, uns grandes olhos espantados.

E o primeiro acto foi decorrendo assim, entre ameaças e súplicas pungentes, até que de súbito, o chefe dos bandidos, um alto que por pouco não roçava com a cabeça no cenário, entrou imponente, cruzou os braços, fitou de olho cubiçoso a pobre menina, enquanto a voz oculta bradava:

— Ei-la a linda prêsa apetecida!

E o chefe, apressado, avançando para a ingénua:

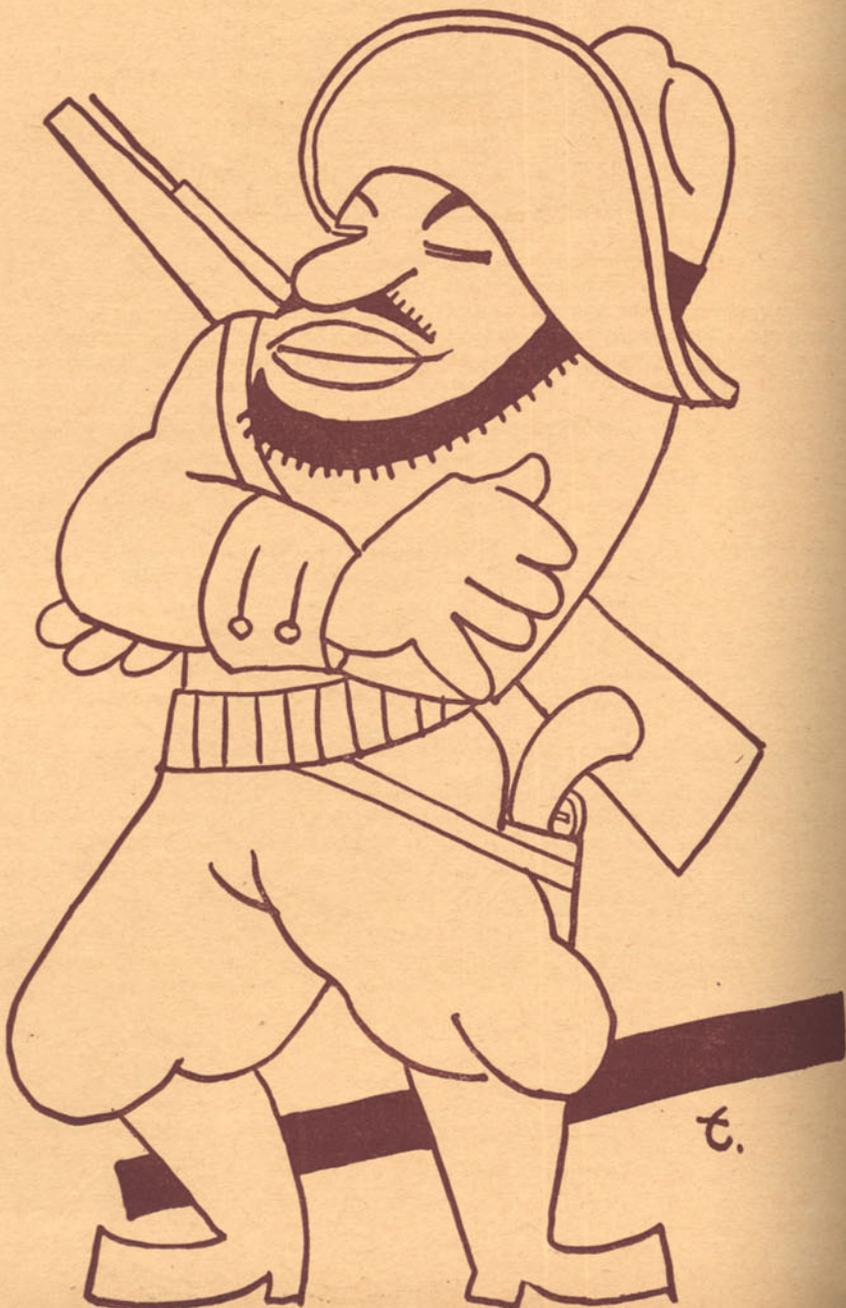
— Ei-la a linda prêsa apetecida!

Na platéa as raparigas estavam indignadas, mas o bandido não se ralava; puxou a Ofélia por um braço, ergueu-a do solo, abraçou-a, enquanto o ponto, em voz terna, murmurava:

— Sabes que te adoro, minha pomba...

— Sabes que te adoro, minha pomba... — repetiu o amador.

E, lentamente, o pano desceu, mostrando de novo o tufo de verdura, o palácio e suas





colunatas, o anjo soprando a trombeta e o horizonte imaculado.

Palmas, muitas palmas — e tornou a subir o horizonte, a trombeta, o palácio e a verdura a tôda a pressa para que os intérpretes accorressem vermelhos de glória a receber os aplausos. Gentilmente, empurravam Ofélia para diante, apagando-se todos em modéstia ante as qualidades extraordinárias da ingénua.

Esteves aplaudiu contente, Alice, a mãe, e Dona Miquelina, com entusiasmo. Desceu novamente, a verdura, o palácio, o anjo e o horizonte — e a platéa, entusiasmada, deu à língua, trocando impressões.

Ruisinho, bem barbeado, elegante no seu *paletot*, cabelo empastado de brilhantina, dando-se ares de entendido, opinava, ali mesmo perto da família Esteves, onde se instalara.

— Este Alfredo Lobo é uma besta de talento!

Dona Eugénia atacou com desnecessária fúria uma valsa branda, para preencher o intervalo. Parolava-se forte, de bancada para bancada. Alguns foram até ao bufete, onde o Melo, ponto, o Peixoto, ensaiador, de mistura com alguns bandidos da Patagónia, bebiam e falavam da interpretação.

— A Ofélia vai muito bem — afirmava impunemente o Peixoto, ensaiador. — Agora aqui o amigo Ernesto (e apontou o chefe dos bandidos) é que meteu umas piadinhas da casa...

— Pudera — respondeu o chefe dos bandidos, ageitando a espingarda de pau que lhe magoava as costas — o ponto fala de maneira que ninguém o ouve.

E voltando-se para o empregado do bufete: — Para mim, dois cortados com soda, ó Zé... E tu, Martins?

O Martins, barbeiro de officio, era um rapaz de melana farta, olhos scismadores, rosto um pouco sombrio, *lavalère* negra, que interpretava os papéis de galã. Só entrava no último acto. Não quis beber, o Martins; que-
dou mudo e tristonho.

Lá fora, na sala, Dona Eugénia não se cansava de maltratar o piano e a Alicinha, furtivamente, percorria a platéa com o olhar procurando alguém.

No segundo acto os bandidos não apareceram, ficaram no bufete beberricando e conversando. Era mais fraco do que o primeiro. Passava-se nas propriedades dos pais da virgem uns camponeses que choravam pela filha, que metiam dó. No terceiro e último acto é que Alfredo Lobo se empregara a fundo. A intensidade dramática subia ao rubro e as lágrimas das donzelas que assistiam, comovidas, desciam a quatro e quatro sulcando o *rouge* das faces e caíndo nos vestidos de papel vermelho que quasi tôdas envergavam nessa noite para o baile *rouge*.

Ante os lances mais violentos, agitavam-se as raparigas de vermelho dispersas pela platéa, como papiolas em uma seara batida pelo vento.

Disfarçado em bandido, o noivo da virgem infeliz, o Martins, galã e barbeiro de officio, introduzira-se na quadrilha. Ela, «a alma da sua alma» não o reconhecera. Até que uma noite, deslizando na treva...

— Maria! — bradou o ponto.

— Maria... — gritou o noivo, chamando baixo...

Ela reconheceu-lhe a voz. Cortar-lhe as cordas que a amarravam, beijá-la e fugir, foi obra de um momento, não sem que ambos tivessem tido tempo de exclamar:

— Adeus, cativoiro maldito!

— Adeus, cativoiro maldito!

E o pano desceu suave, enquanto no acampamento os bandidos dormiam.

Descrever o delirante entusiasmo da assistência não é tarefa fácil... A ingénua foi chamada dez vezes; Martins, galã, agradecendo sombrio, a melena caída, outras tantas; Peixoto, ensaiador, foi vitorioso; Ernesto, rei dos bandidos teve chamadas especiais; Melo, ponto, foi arrancado da caixa como um coelho de dentro da pele, e Alfredo Lobo, procurado activamente, não appareceu a colher os frutos da vitória.

Aquietou-se o borborinho. O Marques, mestre de sala, appareceu no palco, apurando a garganta para falar.

Fêz-se silêncio. Marques, apertado na casaca, ergueu a destra e disse:

— Minhas senhoras e meus senhores: O sr. Rui de Almeida, sentindo-se muito rouco, manda pedir desculpa a Vossas Excelências, mas diz que bem quer mas não pode, recitar o *Melro* que o programa anuncia. Ficará para outra vez, que ocasiões não faltam.

Para começar o baile *rouge*. Os espectadores levantaram-se, dispersando-se pelo bilhar, pelo bufete, pelo *toilette* das damas e outras dependências do edificio, e entretanto, dois membros da Direcção, habituados áqueles fretes, em mangas de camisa, mudavam o alinhamento das cadeiras, deixando a meio da sala largo espaço para dançar.

Mas, de súbito, o sr. Esteves, rosto decomposto, gravata à banda, irrompeu pelo salão, bradando:

— Minha filha! Onde está minha filha! Raptaram a minha filha!

Dizia-se pelos cantos que a Alicinha havia fugido com o Martins, *doublé* de barbeiro e galã dramático.

O Peixoto comentou ao ouvido do Melo miopo:

— Que sortalhão tem o Martins! O pai da pequena está pôdre de rico...

Ofélia, a ingénua, um pouco despeitada resmungou:

— Que mau gôsto, o da rapariga... Fugir com um bandido da Patagónia...

MÁRIO DOMINGUES.

P. S. — Esta apreciação irónica não tem applicação possível a algumas academias recreativas que, pela elegância da sua conduta, pelos intuitos beneméritos que as orientam e pela missão educativa que se propõem, merecem do autor a mais sincera simpatia.

M. D.





OS NOSSOS ARTISTAS

LINA DEMOEL

A revista é dos géneros mais difíceis de teatro, como o é a cançoneta.

Longe vai o tempo em que os espanhóis, apodaram esta espécie de arte de «género infimo», dando até esta crítica origem a uma zarzuela famosa com este nome.

A revista, que é afinal um apontado de *couplets*, não escapava ao desdem de alguns mal intencionados, que só queriam ver arte em grandes scenas e lances dramáticos.

Afinal, com o talento de alguns artistas que elevaram o *couplet* a um estudo de psi-

Tem tido amigos a seu lado, é certo, mas sem estôfo nada se pode fazer e, se Lina não tivesse talento próprio, ninguém lho podia dar. Nela há graça, elegância e finura para abordar qualquer género de papéis.

É azougada, cheia de malícia e desenvoltura.

Mas a sua sentimentalidade muito portuguesa indicam-na para personagens, onde haja ternura e carinho, e nessa espécie de papéis ninguém a excede, e creio mesmo que será difícil igualá-la.

Nos meus ouvidos canta ainda a doçura da sua voz, na *Canção das rosas*, onde a intérprete e o autor se completam.

que corresponda, exactamente, ao exterior que traz consigo.

Ninguém resiste, ao seu chiste esfusiante. É como um livro de aneddotas que não se pode ler, sem desatar à gargalhada.

O dito a propósito sai-lhe espontâneo, como a água de uma nascente, quando a picareta fere o ponto sensível.

Só conheci outro artista, com os mesmos processos de fazer rir. O Joaquim Silva.

Lembram-se?

Não há dúvida. Era a mesma graça sã, a



Lina Demoel

(Desenho de Tom)

cologia, e com a habilidade e bom humor de certos autores, a revista e a cançoneta enfileiraram hoje na mesma altura de outras manifestações de arte, que há muito tempo tinham lugar à parte.

Não há, afinal, género infimo nem género superior. O que é preciso é artistas que valorizem qualquer dêles.

Na revista, Lina Demoel ocupa, sem favor, um dos primeiros lugares, na primeira fila das muitas «estrelas» do género que hoje saltitam, de palco em palco.

Tinham tódas as qualidades para vencer e só por isso venceu.

JOAQUIM PRATAS

Rosto anguloso. Espécie de medalhão esculpido em madeira. Cova aqui, cova acolá. Nariz bastante comprido, para poder farejar, de longe, o êxito. Olhos com agudesas de lince, para ver o público e descortinar-lhe as sensações até à medula.

Aqui têm, vocês, o retrato do Joaquim Pratas que parece feito à pressa, todo em traços geométricos de escola futurista.

Depois, o seu corpo, quási desarticulado e sêco, dá-nos vontade de lhe passar um fio e começar a puxar, a fazê-lo mexer os braços e as pernas, como êsses polichinelos que as crianças gostam de fatigar até estalar-lhes os cordéis.

Que, afinal, todos os homens são mais ou menos bonecos, nas mãos de uma mulher.

A questão é achar o cordelinho, que é, como quem diz, a parte vulnerável, o lado quebradiço...

Pois Joaquim Pratas, assim talhado à faca, e assim desarticulado como um boneco articulado, é senhor de um todo insinuante e simpático, que muito menino bonito quereria para si.

Como actor, é um expoente admirável.

Quando êle entra no palco, a gente já sabe que o Pratas vai fazer das suas. A gente já sabe que vai dar-nos um tipo, por dentro,



Joaquim Pratas

(Desenho de Tom)

boa graça portuguesa, salgadinha, por vezes, e com uns pôsinhos de pimenta, que dá tom e não irrita.

Joaquim Silva não acabou. Deixou a continuá-lo, em palcos portugueses, outro Joaquim — o Pratas — seu irmão gémeo, na arte de curar tristezas.



O NÚMERO DOS PORTUGUESES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO É IGUAL AO DOS QUE VIVEM NA PÁTRIA

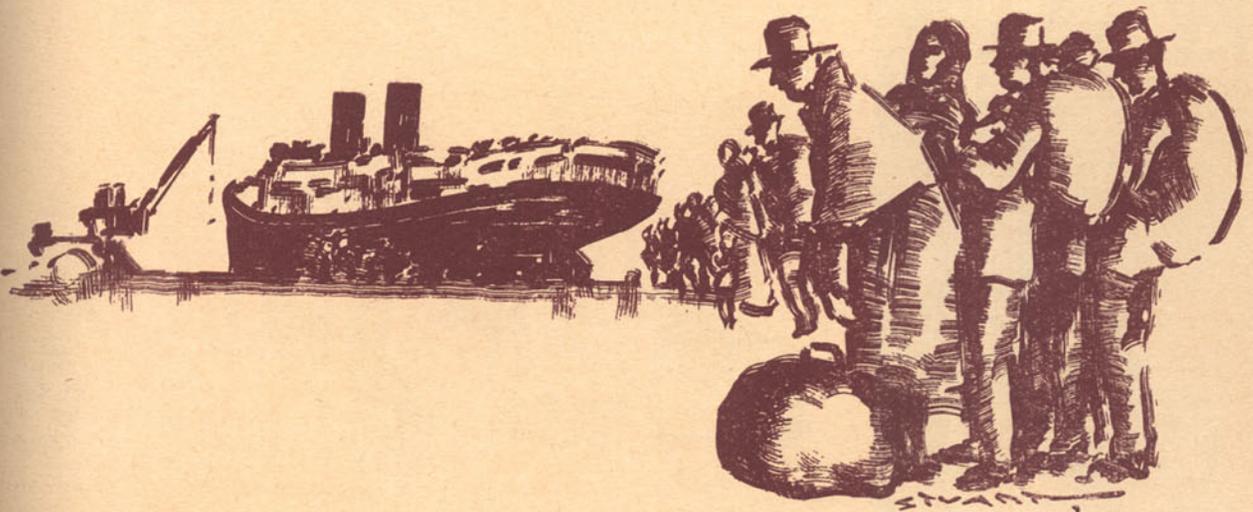
Se o dr. Z... me surpreendesse um dia com a reclamação dos seus legítimos direitos de meu colaborador anónimo, há um bom par de anos, tornar-se-hia no mais quantioso dos meus credores — *récord* êsse que não é façanha fácil... Esta hipótese que, felizmente, não transbordará do campo teórico, foi insinuada ontem à noite, numa das minhas periódicas visitas a casa do dr. Z... E logo êste meu amigo folheando a sua papelada, esclareceu :

— Você foi-me apresentado em 15 de Maio de 1923 e da nossa primeira palestra espremeu assunto para um artigo sôbre diplomacia portuguesa publicado em *A Voz*. A partir de então e nestes quasi sete anos intervim

eu directa ou indirectamente, essencial ou superficialmente em oitenta e oito trabalhos seus. Nesses oitenta e oito artigos, distribuidos por sete jornais diferentes, cinquenta vezes sou evocado como «um amigo»; doze como «um velho pachorrento», cinco como «o mago das estatísticas»; dez como «Dr. Z»; três como «X»; uma como «Z» e nas restantes nem a mim se refere. Pelos meus cálculos e conhecendo a sua tarifa porque V. me mostrou êsses artigos, com as respectivas *reprises* e aproveitamento em livros devem ter-lhe rendido uns quinze a vinte contos dos quais me pertenceria metade...

O dr. Z tem a paixão da estatística. A vida para êle é um belo espectáculo aritmético.

As paisagens e as artes, os problemas sociais e os dramas individuais tudo gira em redor da sua inteligência em farândulas de algarismos arregimentados e combinados. Os números são para o dr. Z a expressão mais eloquente, o óculo astronómico de tôdas as distâncias, a radiografia de tôdas as opacidades... Com as suas estatísticas resolve todos os enigmas, prevê todos os futuros, alcança as conclusões mais surpreendentes, arrebanha, numa só mão, tôdas as massas humanas, todos os conflitos e creio que até o próprio sistema planetário. Mas além da honra de ter feito uma sciência aguda, universal e enciclopédica, o dr. Z... encara a estatística como uma arte amalgamando tô-



das artes, que ora lhe oferece os ritmos plásticos da escultura, fazendo dos múltiplos lápis, escopros; ora orquestra serenatas de côr, fazendo das folhas apinhadas de operações, telas maravilhosas; ora cadeneia e ritma poemas de multiplicar e lhe molda arcaicas de violino numa simples regra de três...

A nossa palestra de ontem resvalou para os portugueses que se perderam de Portugal. O assunto surgiu da minha confidência sobre um livro que eu planeio, há muito, escrever reunindo um vasto elenco de «Alpedrinhas», colecionado ao longo da minha vagabundagem através do mundo. Evoquei-lhe o criado do «Kaiser-Hotel», de Stettin que me confessou ser analfabeto, em português e quasi literato em alemão; a caixeirinha romântica de Friedrich Strasse, em Berlim, que a guerra fêz abandonar a sua Lisboa bandida de sol para ir ao encontro do noivo, prisioneiro dos alemães e que lhe premiou tantos sacrificios casando com uma *fraullein* rubicunda e despota; o Barbosa, a quem Bruxelas deve o parisanismo das suas noites; o barbeiro-gentleman da galeria de Geofroye fazendo em Paris a propaganda do seu *Binho-Berde* e tantos outros personagens do Eça que aguardam o «Teodorico» da Reliquia para ler os jornais da pátria, mesmo que venham embrulhando calçado...

— Há muito tempo que eu conto, quasi a dedo, a multidão imensa dos portugueses que se têm perdido de Portugal — diz-me o dr. Z. — Visitas ao Ministério dos Estrangeiros, dezenas de cartas para todos os países do globo, pirâmides de relatórios consulares — um trabalho hercúleo mas que não pode, nem ao de leve, alcançar a verdade exacta. Mas o pouco que conseguí apurar — pasma e surpreende.

«Se profundássemos, em tempo, o assunto da emigração portuguesa chegaríamos a conclusões interessantísimas. É incalculável a quantidade de compatriotas que se espalharam pelo mundo. O nosso sangue alastrou-se por todos os continentes — e não existe hoje nenhum povo, civilizado ou por civilizar que não possua uma dose razoável de portuguesismo. Um dos manfacos da minha especialidade (existem colecionadores de estatísticas em tôdas as nações, como existem colecionadores de selos e de postais) com quem

me correspondo, um grego há muitos anos residente em Constantinopla descobriu-me que o apelido Djáimele, tão freqüente nos turcos — tem, como fonte de origem D. Jaime de Melo, um emigrante português que foi com bagagens e família para a Bizancio por ocasião do domínio filipino tendo abraçado o Alcorão e deixado numerosa descendência: quinze varões e duas meninas.

«Apelidos portugueses encontram-se, mais ou menos, deformados, em todos os povos. Os Brugger, os Corda, os Castel, os Reiser, os Costelos, os Sylver, os Mendés (lembre-se de Catulo...), os Mac-Wad, da Alemanha, da Austria, da Hungria, da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos são descendentes de Bragas, de Cordas, de Castelo, de Reis, de Costa-Melo, de Silvas, de Mendes, de Machados...

«Mas esquecendo êsse niágara de sangue luso perdido e misturado e de impossível reacção — vejamos a importância numérica dos actuais Aspedrinhas. Podia dizer-lhe já o montante das informações obtidas por mim — que deve ser 30 a 40 por cento inferior à realidade, por falta de registos consulares de quantos emigrados — mas prefiro começar pelas fracções. No Brasil, onde é complexa a confusão entre portugueses ainda portugueses e portugueses quasi brasileiros, e brasileiros ainda portugueses, e portugueses já brasileiros — pode-se apontar dois milhões de portugueses, sem mistura nem falso rótulo: portugueses chegados ao Brasil nos últimos 25 anos. Das outras repúblicas sul-americanas — é a Argentina a que possui maior número de emigrantes nossos: doze a quinze mil — sendo a maioria algarvios. Destacam-se na nossa colónia um banqueiro milionário — Rosa de Andrade; e um artista musical, António Gouveia a quem se atribui não só a industrialização e a internacionalização do tango como a infiltração da cadência do fado na nostálgica canção dos pampas. António Gouveia é hoje um velho de setenta anos e vive dos rendimentos, na cidade do Rosário. Os portugueses são apodados pelos argentinos de «algarvanos» porque, como já disse abundam os algarvios na colónia como porque «algarvanos» em calão de Buenos Aires significava «pianola», «falador incançável»; «gramofone humano»... No

Chili vivem uns 3.000 a 4.000 portugueses — alguns esplendidamente colocados na alta finança e outros trabalhando no salitre. Quasi todos os portugueses do Chili foram para lá passando pelo Brasil primeiro. No Uruguai, Bolívia, Paraguai, Perú, Colombia, Equador, Venezuela e Panamá — o total dos portugueses, é de sete mil indivíduos, segundo informes consulares. No Paraguai, onde nenhum europeu resiste, devido ao clima, a maior colónia, depois da espanhola é portuguesa; e um dos últimos presidentes — o general Tavera, era filho de portugueses e aparentado com o falecido empresário dêsse apelido. Em Lima, Perú, existe a Rua dos Voluntários Portugueses, recordando a legião lusitana que combateu com os peruanos contra os chilenos da qual não sobreviveu um único soldado.

Na América Central e Antilhana — vivem cinco mil portugueses. A mais pequena colónia é de Nicarágua — cento e doze indivíduos e a mais importante — não falando do México, onde existem actualmente 2.700 compatriotas nossos que foram lá no engodo frustrado de passarem a fronteira dos Estados Unidos — é a de Haíti, que atinge 1.400, abundando os angolenses. Nos Estados Unidos, nas duas costas, a do Atlântico e do Pacífico e entre filhos de portugueses nascidos na América e recém-emigrados o total é de 630.000 indivíduos com uma percentagem de 60 por cento de ilhéus. No Canadá — segundo os informes de Montréal, apenas existem espalhados por todo o domínio — duzentos portugueses. No sul, nas três Guyanas — a nossa colónia é apenas de cento e oito — número oficial. Temos pois, no continente americano 2.661.308 portugueses.

«Na Europa são a França e a Espanha os países com maior número de portugueses: sessenta mil, nos dois estados. Os países europeus onde a colónia lusitana é mais insignificante — a Turquia e a Rússia vermelha, o primeiro com cinqüenta e cinco portugueses e o segundo com trinta e dois. Pelo menos é esta a cifra que o Anuário do Comissariado do Povo das Relações Externas, publicado em Moscovo em 1929, indica. Só em Colónia vivem cento e doze famílias portuguesas. Na Inglaterra, onde os nossos não vão além de dois mil e picos — mais de oi-



tenta são barbeiros. Ignoro a razão porque os barbeiros emigrantes preferem a Gran-Bretanha ou porque a Gran-Bretanha prefere os nossos barbeiros. Mas seja porque fôr a verdade é que em todos os países da Europa onde existem portugueses — há, pelo menos, três ou quatro profissionais da navalha de barba. O total de portugueses residentes na Europa é de cento e doze mil trezentos e oitenta e sete — segundo informações oficiais e particulares mas tenho razões para supôr uma deficiência de 20 a 30 por cento da realidade.

«No continente africano, só nas zonas estrangeiras, bem entendido, é em Marrocos e na África inglesa onde abundam os nossos compatriotas. Na União Sul-Africana vivem oito mil portugueses brancos, e no Norte, só em Casablanca e Alger, dois mil e duzentos. Na Abyssinia vive há mais de um século uma família portuguesa de apelido Rosado, que mantém intransigentemente a sua nacionalidade; e no Egipto é o Cairo a cidade preferida pelos nossos Alpedrinhas: trinta e tal famílias, num total de cento e oito indivíduos dedicando-se a maioria ao *metier* de

cozinheiros e de criados de hotel. O total na África não portuguesa é de trinta e nove mil portugueses.

«Na Ásia os nossos compatriotas encontram-se espalhados por toda a parte. Até no Afeganistão — diziam os jornais ingleses — havia portugueses nas fileiras do Rei Amanulá. Na Índia Inglesa alcançam o lindo número de vinte mil — contando com os filhos da nossa Índia. No próprio Japão existem portugueses — trescentos e oitenta e sete. Na Ásia o total é de cento e oitenta mil — cálculo um pouco arbitrário pela dificuldade que tive de me informar sobre certas zonas.

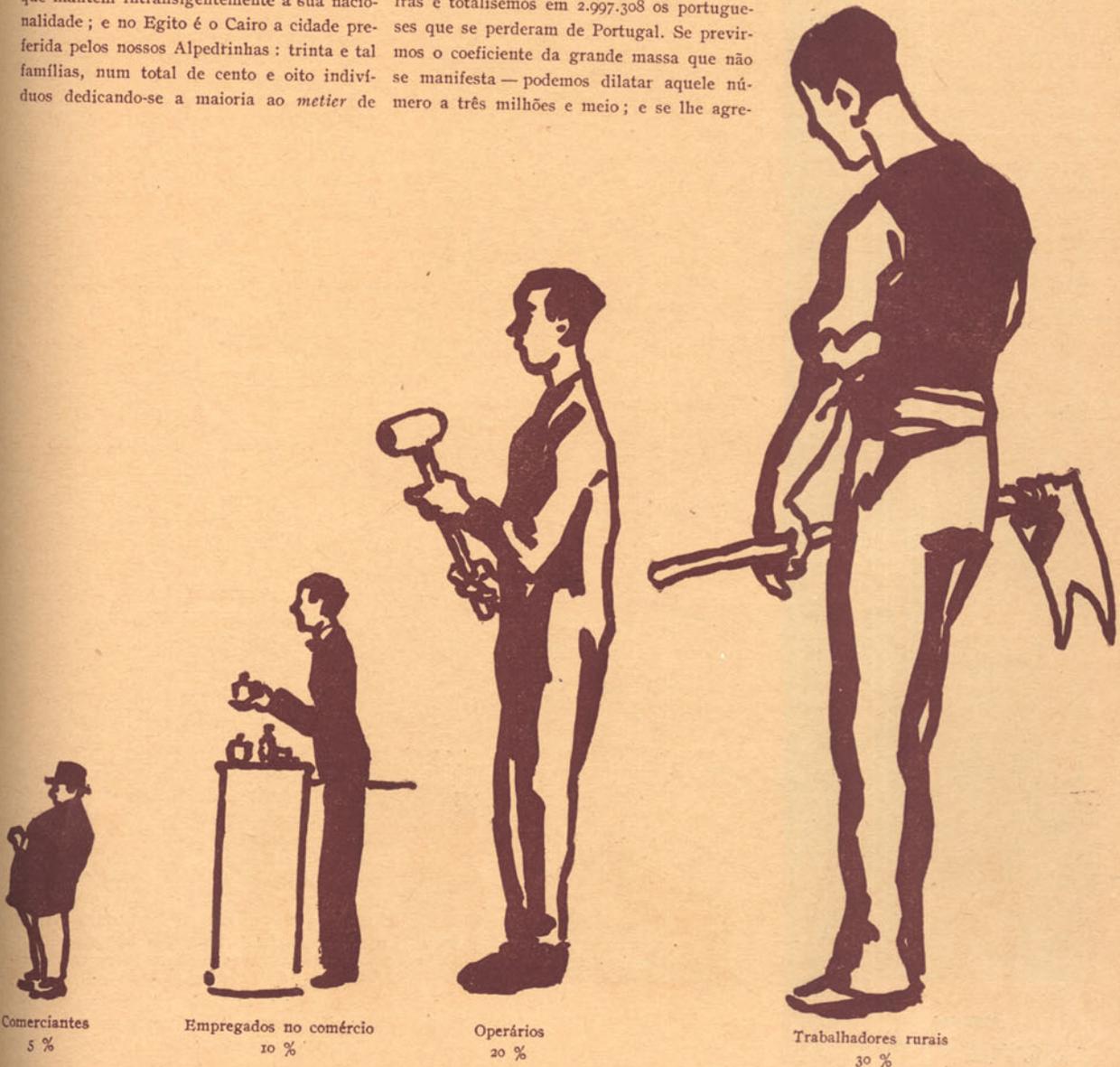
«Na Oceania — onde é menos densa a nossa emigração — os portugueses não vão além de cinco mil — havendo 1.236 na Austrália — número exacto que me foi fornecido pelo Departamento de Estatísticas de Sidney e quasi dois mil só nas ilhas Sandwich.

«Ora bem: arregimentemos todas estas cifras e totalisemos em 2.997.308 os portugueses que se perderam de Portugal. Se previrmos o coeficiente da grande massa que não se manifesta — podemos dilatar aquele número a três milhões e meio; e se lhe agre-

garmos os portugueses que ficaram de fóra no cálculo sobre a nossa colónia do Brasil chegaremos à conclusão que existem tantos portugueses fora de Portugal como em Portugal...

«Fala-se muito dos males da emigração — e eu estou de acôrdo com estes protestos e com o livro de Ferreira de Castro, os *Emigrantes* que tão grande êxito obteve na Itália — onde Mussolini fez uma política contrária, ambicionando que os portugueses deixem de emigrar para deixarem o campo livre aos italianos... Mas, aqui entre nós; há um século, pelo menos, que as únicas manifestações de riqueza em Portugal são reflexos da emigração. E afinal onde os meteríamos nós se todos esses portugueses voltassem a Portugal?»

REPORTER X.





Passatempo



Onde estará a rã? A cegonha já a viu e vai comê-la

FÁCIL DE ENCONTRAR

— Mora aqui o sr. Azevedo? — perguntou o visitante à criada que abriu a porta.
 — Não senhor — foi a resposta.
 — Mas mora nesta rua?
 — Mora — tornou a criada.
 — Então sabe qual é o número?
 — Não, senhor, mas há-de lá estar na porta.

SEM NADA DENTRO

Laureana: — Você acredita na frenologia?
 Alonso: — Não. Já uma vez, por experiência, me leram a cabeça e não encontraram lá nada.

O desenho mostra a resolução do problema. Para obtê-la era necessário dar o corte nas três circunferências conforme indica a linha ponteaguda.



AS TRÊS CIRCUNFERÊNCIAS

(Solução)

MUITO BARATO

O doente: — A minha operação será perigosa, doutor?
 O médico: — Isso sim! Então o senhor queria que lhe fizessem uma operação perigosa, só por dois contos, podia lá ser!

CONSELHO AMIGO

Um pseudo-poeta estava-se queixando da falta de apreciações que os seus versos mereciam.

— Parece existir uma conspiração de silêncio contra mim — lamentava-se êle. Que me aconselha que faça?

— Tome parte nela, meu caro, tome parte nela — foi a resposta cruel que lhe deram.

MOTIVO JUSTO

Uma noite destas entra um dilettanti num teatro, durante um intervalo, e senta-se na geral ao lado dum sujeito de bengalão entre os joelhos, e em cima do bengalão um chapéu de abas largas.

— Tem a bondade, pergunta o recém-chegado, diz-me em que acto estamos?

— Não sei, senhor, responde o homem do bengalão, eu não sou de Lisboa.

O PASSARO FUGIDO

(Problema)



Quando um pássaro foge é sempre difícil tornar a metê-lo na gaiola mas neste caso é-o ainda muito mais. A ave, para saír da gaiola quebrou alguns dos barrotes e agora, não só temos que encerrar de novo o pássaro, como além disso nos é preciso concertar os barrotes quebrados.

A gaiola sempre há-de ficar um pouco apertada para êle, mas não importa.

Para resolver o problema, é necessário recortar a figura do pássaro, e colocá-la sobre a da gaiola, de modo tal que pareça estar metido dentro dela, correspondendo-se os barrotes exactamente.



CRÍTICAS

— O que o levaria a casar com ela?
 — Foi ela própria.

SAN ESTEBAN DE GORMAZ

(SORIA)

Ante el pálido lienzo de la tarde,
la Iglesia con sus torres afiladas
y el ancho campanario, en cuyos huecos,
voltean suavemente las campanas,
alta y sombría surge...

ANTÓNIO MACHADO.

Lincoln surge claro e radiante ao
chamamento dos sinos da fama.

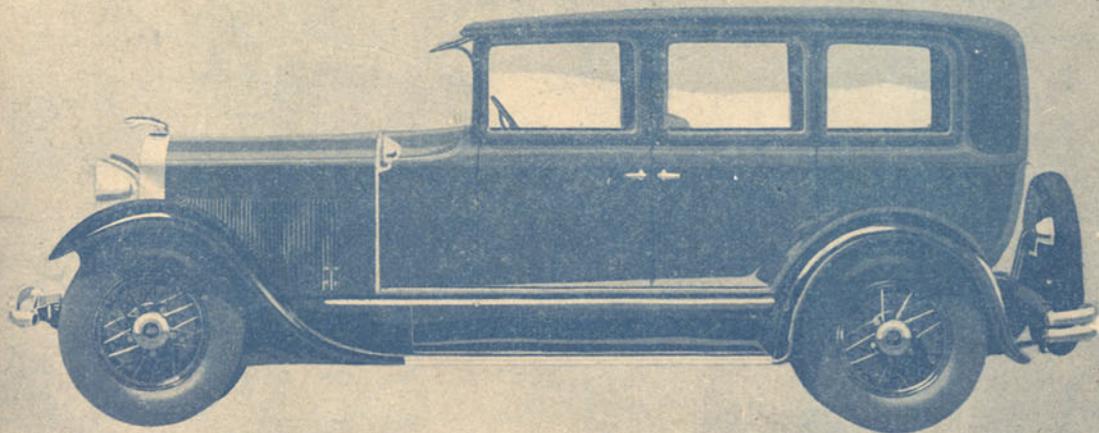
O seu nome apregôa aos quatro
ventos a sumptuosidade e o requin-
tado refinamento dêste carro de
grande luxo, verdadeira expressão
de grandeza e alta posição social.

Lincoln reúne as melhores quali-
dades de funcionamento e as mais
listintas variantes de elegância e
modernismo.

LINCOLN

Ford
COCHES Y
CAMIONES
Fordson
TRACTORES

Ford Motor Iberico
BARCELONA



ROLDÓS-TIROLESES S.A.

Como
Cronômetros



funcionam os motores
empregando

Auto- Gazo

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil 673
